

A JORNADA

UM LIVRO ILUSTRADO SOBRE FÉ E HEREDITARIEDADE,
AMBIENTADO NA FOLIA DE REIS.

RODRIGO AUGUSTO E SILVA

UFRJ

Centro de Letras e Artes - Escola de Belas Artes

Departamento de Comunicação Visual – BAV

Projeto e Monografia de Graduação em Comunicação Visual Design - 2019.2

ORIENTAÇÃO

NAIR DE PAULA SOARES

CO-ORIENTAÇÃO

KARL GEORGES MEIRELES GALLAO

RESUMO

Esta monografia contém estudo sobre a construção de narrativas baseadas na relação texto/imagem, mais especificamente as relações presentes em livros ilustrados e quadrinhos, com intuito de embasar o processo de desenvolvimento do livro “A Jornada”. A apresentação de conceitos básicos referentes à temática da história também se tornou essencial à elucidação de simbolismos presentes no enredo, para tal é apresentada pesquisa sobre folia de reis.

“A Jornada” é a materialização da intenção de registrar de forma lúdica e poética, aspectos particulares da vivência de um palhaço de Folia de Reis. Um registro que é construído a partir de duas óticas, a do autor do texto e Mestre Reiseiro Wellington Bokinha e a minha como ilustrador.

Lançar mão das duas visões objetiva a elaboração de um produto embasado pela experiência de um agente diretamente envolvido com a Folia de Reis e um projeto gráfico coerente. Destaca-se que não há intenção de registrar ou decupar aspectos do processo criativo do autor do livro, somente apresentá-lo como parte importante do processo de desenvolvimento do objeto final.

Palavras chave: **Folia de Reis. Livro ilustrado. Reisado. Catolicismo popular. Festa religiosa.**

ABSTRACT

This work contains a research about the construction of narratives based on text and images, more specifically the narratives like illustrated books and comic books, in order to ground the development process of the book “A Jornada”. The basic concepts presentation of the story theme is essential to elucidate symbolism in the plot, for this is presented a research about revelry of kings.

“A Jornada” is the materialization of the intention to register aspects and particulars of a revelry of kings’s clown’s experience, as a ludic and poetic way. A register which is built through two optics, the author’s one, Wellington “Bokinha” and my own as the illustrator of the book.

The goal is the elaboration of a product, based on a directly involved agent of the revelry of kings experience and a coherent graphic project. Register or explain aspects about the creative process of the book is not the intention, the only need is to present him as an important part of the final product development.

Key words: **Revelry of kings. Illustrated books. Popular catholicism. Religious party.**

The background of the slide is a blurred photograph of several people standing in a room. The focus is on the lower half of their bodies, showing legs and feet. The colors are muted and the overall image is out of focus, creating a sense of a busy, social environment.

AGRADECIMENTOS

Mariah Santos
Carlos Machado
Paulo José (Parafuso)
Floripa da Silva
Luciane Barbosa
Renato Barreto da Silva
Arlanza Pinheiro Martins
Rui de Oliveira
Sonia Rosa
Rui Rosa
Karl Georges Meireles Gallao

INTRODUÇÃO

É um objetivo deste trabalho, enriquecer o conhecimento a respeito das festividades sagradas. Destaca-se a importância destas festividades para a manutenção do patrimônio cultural, buscando entender como a fé permeia estes rituais e momentos de confraternização religiosos, tomando como exemplo a Folia de Reis.

Espera-se principalmente elucidar a respeito do processo de desenvolvimento do Livro “A Jornada”, demonstrando a importância de disseminar este tema em diferentes linguagens, além da acadêmica. É necessário que essas culturas possam transitar por mais setores da sociedade, alheios a profusão de manifestações religiosas/folclóricas, presentes em nosso país.

MOTIVAÇÕES

É preciso entender as razões que levaram a produção deste trabalho e os caminhos que foram traçados para a descoberta do tema escolhido. A natureza do trabalho criativo pode levar a soluções gráficas apropriadas ou não. O que pode contribuir para um resultado satisfatório é o aprofundamento da pesquisa temática e o pensamento projetual.

Escolher um tema que te mantenha confortável com a idéia de passar meses pesquisando, como é o caso em um projeto de conclusão de curso, pode ser determinante no resultado final do trabalho, assim como escolher a aplicação final do produto (no caso do curso de Comunicação Visual/Design), demanda um processo de autoconhecimento como aluno e profissional, que requer grande reflexão durante a vida acadêmica.



A ESCOLHA PELO LIVRO ILUSTRADO

Desenhos animados, histórias em quadrinhos e revistas ilustradas, sempre estiveram presentes em meu cotidiano e se tornaram artifícios para distração e entretenimento, principalmente durante a infância.

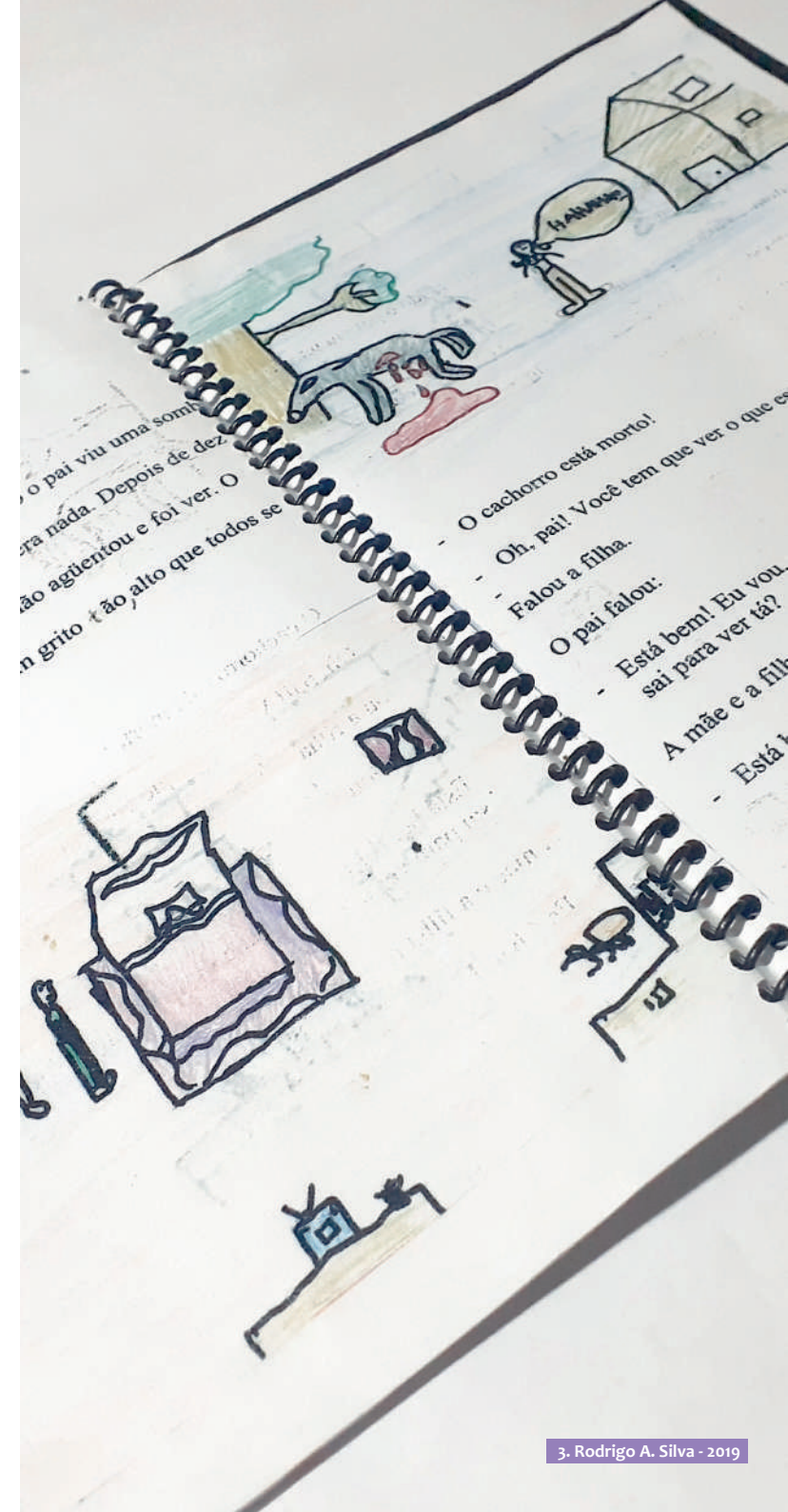
Os primeiros rabiscos foram vislumbrados quando encontrei uma pilha de desenhos de carros produzidos por meu pai, ver a iniciativa dele me incitou. O tema automobilístico não era atraente, por isso iniciei copiando personagens dos Looney Tunes¹, que figuravam em uma de minhas fronhas estampadas.

Passei por diversas fases de interesses distintos dentro deste universo. Até os 14 anos de idade, tinha mais contato com mangás e gostava muito da saga “Blade” (Hiroshi Samura) e “Samurai X” (Nobuhiro Watsuki). Com o tempo passei a explorar outras possibilidades narrativas, que envolviam questões culturais e sociais ocidentais, como HQ’s. De primeira um dos que pude ter contato foi “V de Vingança” (Alan Moore), finalmente senti um envolvimento maior com a história.

Tempos depois surge a curiosidade por grafite e a linguagem da street art, fase que foi importante para continuar fomentando o interesse pelo desenho.

Chegando ao final da graduação, pareceu natural optar pelo livro ilustrado como objeto a ser produzido. O que possibilita uma pesquisa mais aprofundada a respeito dos artifícios utilizados em muitas das minhas referências visuais, arquitetadas a partir da relação texto/imagem.

¹ - Série de curtas metragem de animação criados a partir de 1930 distribuídos pela Warner Bros Studio, dentre alguns dos personagens mais conhecidos estão: Perna Longa, Patolino, Ligeirinho etc.



A ESCOLHA DO TEMA

A opção pela Folia de Reis como tema é pautada em 3 fatores: a influência do catolicismo no ambiente doméstico, a descoberta do sincretismo dentro do seio familiar e a aspiração de produzir um conteúdo relacionado com a cultura regional brasileira.

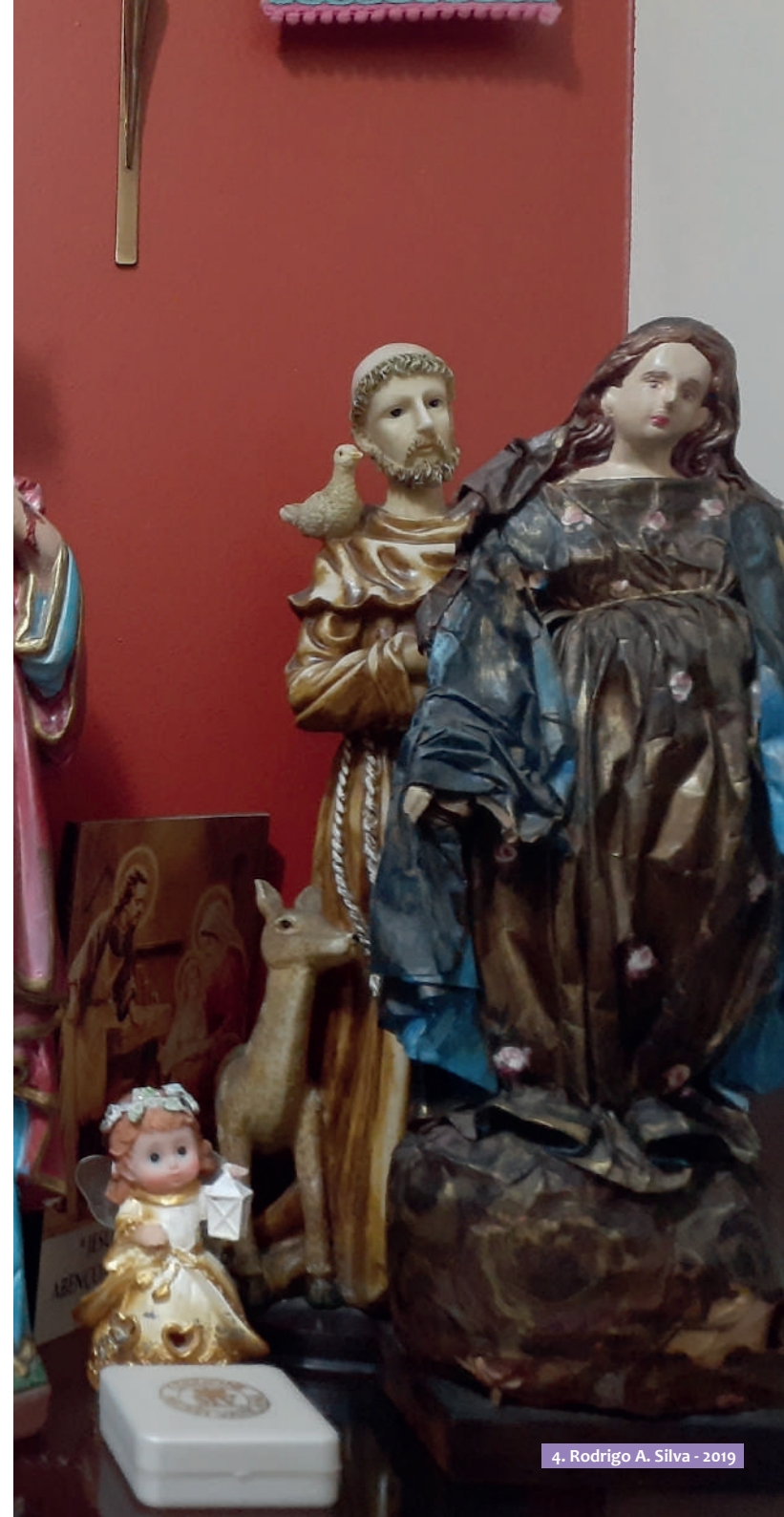
Durante boa parte da infância fui convenientemente iniciado em alguns rituais cristãos, nascido em uma família socialmente dita católica, fui batizado na igreja e houve uma tentativa de me fazer concluir o processo de primeira comunhão.

Meus avós paternos são os maiores expoentes católicos dentro da família e sempre foram os principais motivadores da empreitada catequizadora, que de certo modo não foi tão fracassada, visto que estou a concretizar esse projeto também por influência deles. Importante é entender como a tentativa de imposição dos dogmas cristãos em minha experiência de vida, fomentaram o interesse pelo Reisado.

Estar próximo do convívio de pessoas que praticavam a fé cristã cotidianamente e não exercer como elas, me fez questionar posicionamentos e posturas tidas como embasadas pelo sacramento.

Alguns anos depois de ter ingressado na faculdade, descobri ter sido batizado em um terreiro antes da igreja católica e com isso, toda relação de meus pais com religiões de matrizes africanas. A nebulosidade desta informação atentou-me para certos tabus familiares que ainda são latentes.

É nesse contexto que algumas indagações foram surgindo a respeito dos porquês de tanto mistério, e como ainda hoje, mesmo com a igreja tendo avançado em muitos aspectos, a comunidade católica tende a ser resistente ao diferente. É nesse contexto que descobrir a Folia de Reis, assim como é praticada em certos locais do Brasil, se



tornou surpreendente pela capacidade de romper algumas barreiras dogmáticas e pelo sincretismo. O terceiro fator, foi produzir um material que proporcionasse a oportunidade de pesquisar mais a fundo sobre algumas manifestações culturais regionais pouco divulgadas, a fim de selecionar uma e apresentá-la de forma lúdica. O Reisado surge então, como uma opção rica em conteúdo histórico, visual e poético atrativos para o trabalho.

Nesse contexto o design deve atuar utilizando artifícios gráficos que preencham a lacuna entre a informação e o leitor, tornando o conteúdo visualmente agradável, inteligível e atraente. Valendo-se do caldeirão cultural brasileiro, para apresentar novas formas de manifestação imagética ao consumidor, mas com a responsabilidade de evitar representações equivocadas, pejorativas ou razas, prevenindo contra a perpetuação de visões estereotipadas.

Juntando todas essas razões, a escolha pelo Reisado partiu da vontade de estudar e desenvolver um material voltado para valorização da cultura popular brasileira e que simboliza-se o forte sincretismo religioso presente em nossa sociedade. Soma-se a essa vontade, a experiência particular com o sincretismo familiar.



A DESCOBERTA DA FOLIA DE REIS

Como já foi citado, o interesse pela cultura nacional moveu a busca temática da pesquisa, levando-me a visitar exposições sobre folclore, palestras sobre mitos e lendas brasileiras, centros de artesanato e feiras.

Em meados de junho de 2018, a busca se encerrou na exposição “Festa Brasileira” (curadoria: Raul Lody e Leonel Kaz / concepção visual: Jair de Souza) sediada no CRAB (Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro), lá tive o primeiro contato com muitas das mais variadas manifestações produzidas em território nacional. Constavam no acervo diversas fantasias características destas festas, a que se destacou pela peculiaridade do nome foi a do palhaço de folia.

A figura assustadora e pitoresca era muito antagônica à concepção geral de um palhaço, essa sensação de estranheza era intrigante. Aprofundando os conhecimentos sobre a Folia de Reis, foi impactante descobrir a capacidade de improvisação nas chulas² e o apelo visual dos palhaços, tudo parecia muito distante de qualquer manifestação cristã, pessoalmente presenciada.

² - Versos proferidos pelos palhaços de forma improvisada ou decorada a partir de manuscritos de autoria pessoal ou de outro palhaço, ou decorados a partir de livros de cordel.



O REISADO

Neste capítulo adota-se um olhar mais analítico sobre a temática que permeia o enredo do livro, fazendo apontamentos específicos sobre o Reisado, que tangenciam a história e precisam ser elucidados para o melhor entendimento do processo de desenvolvimento do objeto final e todas as etapas de projeto que o antecederam.



O QUE É FOLIA DE REIS

A folia de Reis, Reisado ou Terno de Reis é uma manifestação religiosa/folclórica, apresentada através de cortejos em um período ritualístico entre 24 de dezembro e 6 de janeiro, período natalino para os católicos, podendo se estender até 20 de janeiro em reverência a São Sebastião (Padroeiro da Cidade do Rio de Janeiro). As jornadas revivem a peregrinação dos três Reis Magos (Gaspar, Melchior e Baltazar), que partiram em direção ao recém nascido menino Jesus na manjedoura, guiados pela estrela de Belém para adorá-lo e presentear com ouro, incenso e mirra.

Durante o período de peregrinação chamado também de “Giro”, os Foliões que são os componentes do cortejo (integrantes diretos da banda, palhaços ou pessoas responsáveis por zelar pela parte organizacional), iniciam uma extensa lista de visitas às casas dos devotos, distribuindo bênçãos em troca de donativos.

A tradição manda que esses donativos deveriam ser repassados pela folia para causas sociais, mas recorrentemente retornam à mesma. Os ganhos são aproveitados para produção da festa de arremate³, para reparos em instrumentos e outros ajustes de infraestrutura, devido a precariedade de recursos e atenção despendidos pelas autoridades, à festividade.

³ - As festas de arremate são celebrações que marcam o final das jornadas, cada cortejo organiza sua festa de arremate convidando outras Foliás, estas comemorações ocorrem ao longo do ano estendendo o calendário do Reisado. Nestas confraternizações é de praxe que os mestres retribuam os convites para suas respectivas festas, caso contrário pode se gerar certo mal estar na relação entre grupos. Estas ocasiões são marcadas por uma grande concentração de folias e fartura de comida, pois todos querem passar uma boa impressão as outras bandas.



8. Bartolomé Esteban Murillo - Adoração dos Reis Magos, Séc XVII

O processo ritualístico mistura elementos artísticos visuais, sonoros e táteis, como formas de expressão da fé, dando um caráter folclórico às folias. Desta forma acaba atraindo até mesmo apreciadores que não necessariamente exercem a fé ou acreditam no poder dos Reis Magos.

Durante o caminho entre uma casa e outra (caso seja possível de ser percorrido a pé) a banda raramente para de tocar, assim o cotidiano de toda a vizinhança muda diante da presença do cortejo. Prolonga-se ao máximo o momento de confraternização marcado pela fé, arte, sacrifício físico do folião e a fraternidade. A respeito dos festejos religiosos, Vera Irene Jukervics destaca o seguinte em seu artigo Festas Religiosas: A Materialidade da Fé:

“É um momento de celebração da vida, o rompimento do ritmo monótono do cotidiano, o que permite ao homem experimentar afetos e emoções. Por instantes, o tempo dos relógios é suspenso, o homem experimenta o tempo mítico da eternidade e da manifestação divina que permite a reconciliação de todos com todos.

Nesse sentido, as festas revelam a essência fundante de respeito à fé e à fraternidade comunal, que alimentam as manifestações religiosas e perpetuam as tradições que constituem um verdadeiro patrimônio cultural.”
(p.74)

Acompanhando a folia Reisado Flor da Primavera, pude constatar a presença desse sentimento de fraternidade comunal e respeito a fé citado por Jukervics, em cada visita era perceptível o quanto a presença do cortejo impactava os anfitriões e seus vizinhos. Alternava-se momentos de contemplação, quando o Mestre declamava seus versos e outros de maior interação entre os palhaços e as pessoas, principalmente crianças.

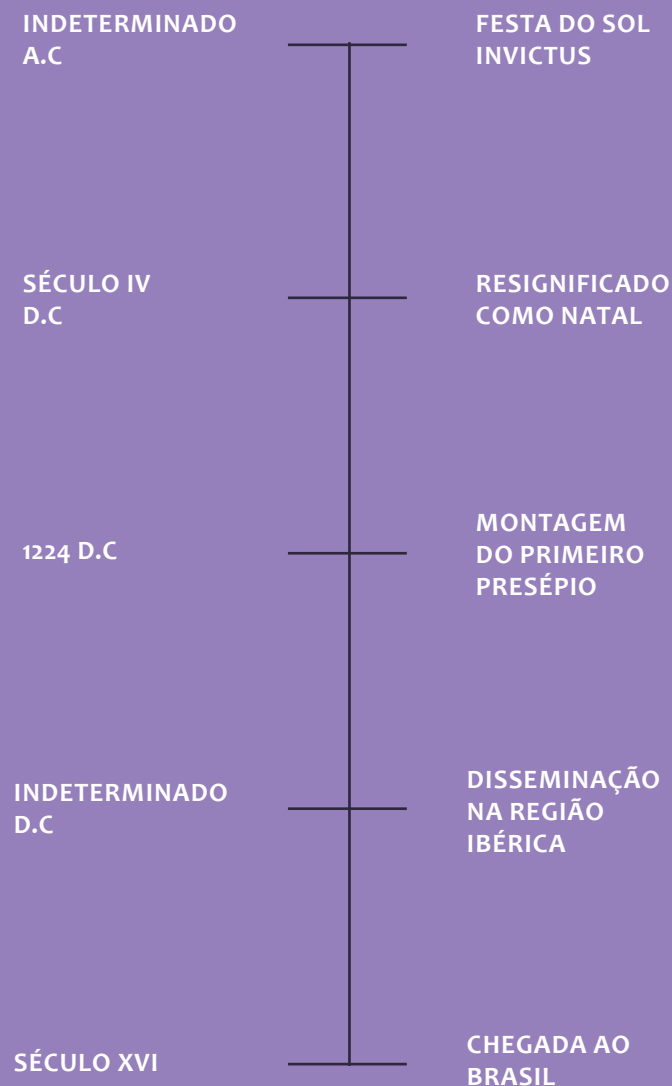




ORIGENS

As origens do Reisado são imprecisas, mas existem algumas evidências e linhas de pesquisa que defendem seu surgimento na região ibérica da Europa, mais precisamente na cidade de Greccio, na Itália. Diz-se que a Folia de Reis teria início quando São Francisco de Assis monta o primeiro presépio inspirado pelas palavras bíblicas de Lucas a respeito do nascimento de Jesus (Evangelho de São Lucas; Capítulo 1; Versículo 26 a 38), desde então tornou-se tradição reviver o nascimento de Jesus e comemora-se a jornada dos três Reis na região.

Outra tese apontada por Jukervics em Festas Religiosas: A Materialidade da Fé, é a de que o natal teria sua origem na Festa do Sol Invencível, inicialmente comemorada pelos egípcios em 6 de janeiro e posteriormente incorporada pelos romanos e comemorada dia 25 de dezembro, disseminando as comemorações de ciclo natalino pela europa, até chegar ao Brasil para tomar a forma atual.



No Brasil as origens são igualmente incertas, visto que é uma tradição construída na base da oralidade. O baixo grau de escolaridade de grande parte dos devotos e foliões, decorrente do fato do Reisado ter se disseminado a partir de regiões interioranas (onde historicamente o poder público não é efetivo em garantir direitos civis básicos como a educação), contribuiu para que essa cultura fosse mantida sem registros documentais. Entretanto, a versão mais usual é a de que teria sido trazida pelos Jesuítas no século XVI e implementada como instrumento de catequização de indígenas e negros.

Outra interpretação apresentada por Guilherme Porto em “As Folias de Reis no Sul de Minas”, especula que poderia ser uma reinvenção interiorana das Jornadas de Pastorinhas nas zonas urbanas. Muitas hipóteses são levantadas e nenhuma é definitiva, mas evidencia o poder de abstração e reinvenção das comunidades locais, quando se trata de absorver manifestações culturais e transformá-las em algo genuíno, tornando muito difícil definir como surgiu.



11. Carole Raddato - disco de prata dedicado ao Deus “Sol Invictus”

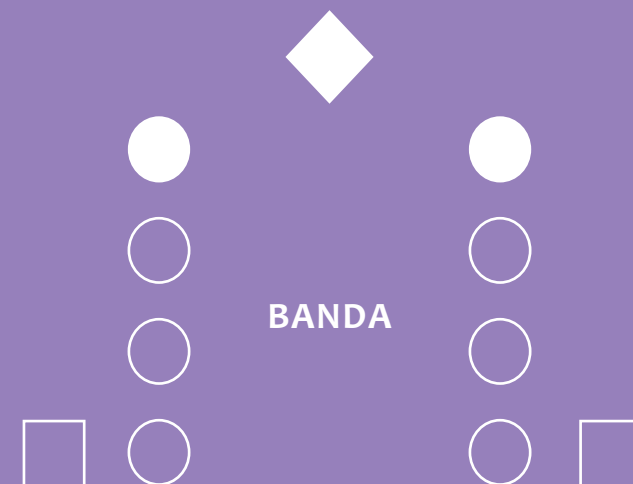
A COMPOSIÇÃO DA FOLIA

Neste capítulo serão apresentados os componentes formadores da estrutura básica de uma Folia de Reis e suas funções de maneira resumida. É importante destacar que esta estrutura nem sempre é identificada com clareza ou implementada à risca, visto que em muitos casos componentes podem assumir mais de uma função simultaneamente ou transitar por diferentes funções durante a jornada.

Isso se deve a muitos fatores, como por exemplo características regionais específicas (O Reisado está presente em todo o território nacional com diferentes características), ou por necessidade de adaptação devido a falta de estrutura e rotatividade de pessoas durante a jornada, pois muitos foliões não podem estar presentes em todos os dias.

Os componentes serão apresentados separadamente exceto o palhaço, pois para este faz-se necessário reservar um capítulo próprio, visto que três dos quatro personagens presentes na história do livro são palhaços. É importante decupar mais profundamente alguns de seus aspectos, presentes na trama e que fazem parte das decisões no processo de desenvolvimento das personagens documentado mais adiante.

Para listarmos os componentes é importante frisar o valor da hierarquia dentro de uma Folia de Reis e como a disciplina deve ser seguida à risca para o bom andamento da jornada.



- ◆ BANDEIRA
- MESTRE / CONTRAMESTRE
- INSTRUMENTISTAS
- PALHAÇOS

MESTRE

O Mestre da Folia de modo geral pode ou não ser o dono da mesma; caso isso ocorra este será detentor dos instrumentos, bandeira, uniformes e responsável pela organização da festa de arremate.

Dentre suas funções a principal é guiar o grupo regendo a banda e declamando os versos, para tal o Mestre deve ser alguém com um domínio profundo dos fundamentos do Reisado, portanto, uma espécie de sacerdote dentro do esquema ritualístico: em pesquisa de campo foi possível acompanhar o Mestre Bokinha abençoando devotos por diversas vezes, porém a mais notória ocorreu quando ele abençoou um copo de água a ser ofertado a um menino tetraplégico. Enquanto o rapaz ingeria a água, com certa dificuldade, sua mãe chorava de forma tímida e era perceptível o quão profunda é a relação de fé destas pessoas com os Reis Magos e como creditam ao Mestre folião, o conhecimento requerido para se exercer o intermédio entre os planos espiritual e mundano.

No decorrer de uma jornada, muitas casas são visitadas e o mestre tem como missão guiar a folia através de alguns passos indispensáveis: ele deve pedir permissão para o anfitrião antes de entrar com a banda, em seguida continuar com as declamações abençoando a residência e moradores, exaltar os Reis Magos e, por fim, vem os versos de despedida, agradecendo a receptividade do anfitrião.



As declamações podem ser de versos anteriormente escritos pelo próprio mestre, ou versos improvisados inspirados por imagens de santos no local e outros objetos sacros. Sempre abençoando e agradecendo os donos da residência, referindo-se a passagens bíblicas. O mestre Bokinha de Jardim Primavera, por já ter sido um palhaço experiente, integrava versos de improviso em meio aos pré gravados, para fazer uma benção ou agradecimento.

Fica nítido que o mestre assume um papel de alta hierarquia e importância, incorporando também a figura de um zelador da ordem e de alguns aspectos primordiais ao decoro religioso. Muitas vezes esses aspectos são ignorados por foliões, como o consumo de bebida alcoólica durante a jornada, por exemplo.

Nesse contexto a postura decorosa e messiânica do mestre pode ser comumente enxergada como antagônica a do palhaço, que apresenta comportamento mais subversivo e até animalesco, porém essa dualidade aparente também em outros elementos do Terno de Reis, não define o palhaço em toda sua complexidade, como veremos mais adiante.



CONTRA-MESTRE

Podemos dizer que seria o segundo no posto de comando dentro do grupo de foliões: ele é o braço direito do mestre e deve acompanhá-lo de perto para auxiliar nas regência da banda, inspeção na dinâmica do grupo e comportamento dos foliões e, o principal, deve ser alguém com grande conhecimento dos fundamentos, pois em caso de ausência do mestre, este deve comandar o grupo em seu lugar assumindo todas suas funções. De modo geral, é a pessoa que é treinada para herdar o comando da folia.



BANDEIREIRO

O bandeireiro ou alferes é o encarregado por conduzir o estandarte com a bandeira, o objeto mais sacro dentro da Folia de Reis, por isso é tarefa para uma pessoa muito envolvida com os fundamentos e de grande devoção aos Santos Reis.

O ofício de bandeireiro exige certa delicadeza e uma postura muito contida, pois o destaque sempre deve estar sobre a bandeira, elevando-a ao status de altar. Como via de regra na formação da banda, o bandeireiro introduz sua folia sempre a frente de todos os outros componentes, a bandeira abençoa-os protegendo dos percalços durante o “giro”. Em seguida vem respectivamente o mestre, contra-mestre, sanfoneiro e instrumentistas, os palhaços podem seguir a partir do terceiro folião após o mestre, lateralmente a banda, ou na formação logo após a banda.

O bandeireiro também pode ser acompanhado por pastorinhas (Meninas de pouca idade), que são treinadas pelo mesmo para saberem como interagir com a bandeira e a respeito dos procedimentos a serem seguidos em caso de encontro com outras folias.



A BANDEIRA⁴

Objeto mais sagrado da Folia, considerado altar entre foliões e devotos, não pode ser empunhada por qualquer pessoa, somente pelo bandeireiro e pelo devoto anfitrião no momento em que a Folia chega em sua casa. Neste momento o devoto torna-se o responsável por conduzir a Bandeira até manjedoura, a partir de então são feitas as orações e rituais regidos pelo Mestre, sempre com a bandeira como objeto central de interesse.

Este instante é o que mais se aproxima da definição de Jukervics (p.6) sobre os festejos religiosos, percebe-se certo grau de abstração a respeito do mundo exterior e um momento de diálogo e tentativa de aproximação com o supraterrâneo, canalizada através da bandeira, baseado em sua transitoriedade entre duas cosmologias.

“Considerando-se que do ponto de vista nativo a bandeira pode ser vista como sendo simultaneamente material e imaterial, pertencente tanto ao plano mundano quanto ao supramundano, assim como o são os kolossos gregos, por exemplo, é que decorre seu poder de mediação. Parece ser exatamente sua forte ambivalência que o torna capaz de realizar esta ponte. De fato, o que parece caracterizar a bandeira, entre outros aspectos, é esta capacidade hipermediadora”. (BITTER, Daniel, 2008, p.112)

4 - A opção por adotar a Bandeira como um componente da Folia assumindo sua presença como ser ou indivíduo, se deu ao observar sua participação nos rituais e o modo como os devotos e Foliões interagem com a mesma adotando uma postura de diálogo e contemplação. A respeito desta relação ídolo devoto pode-se ler em “A Bandeira e a Máscara: Estudo Sobre a Circulação de Objetos Rituais na Folia de Reis (p.126), Daniel Bitter.



Para exemplificar podemos destacar algumas situações, mas para tal é preciso previamente entender a composição da Bandeira, que de modo geral é bastante enfeitada e cada Mestre ou Bandeireiro o faz a partir de seu próprio gosto estético, mas existem alguns aspectos comuns às Bandeiras⁵.

Elas possuem estampas das imagens dos Santos Reis Magos e da Sagrada Família⁶, a simetria é algo muito presente na composição dessas imagens e no próprio formato da Bandeira, são encobertas por um véu exacerbando a sensação de intangibilidade e enfeitadas com diversas fitas.

Essas últimas muitas vezes são empregadas como extensões da própria Bandeira, e utilizadas por devotos para fazer pedidos ou ofertar donativos em forma de dinheiro, enrolando-o nas fitas.

O mestre pode conceder graças ou fazer pedidos aos Santos Reis através destas fitas. Isso fica claro também na ocasião em que o mestre Bokinha abençoa o menino tetraplégico, pois antes de benzer a água ele oferece uma das fitas de sua bandeira a família. Em outros momentos durante a peregrinação também foi possível presenciar devotos ofertando donativos e amarrando-os nas fitas, ou beijando as mesmas como forma de fortalecer suas preces.

5- Em muitas regiões, como no interior de Minas por exemplo, algumas folias adotam outros objetos no lugar da Bandeira, utilizando relicários com cenas da Sagrada Família e os Reis Magos na manjedoura representados através de pinturas ou mini esculturas e adornando com outros objetos e véu.

6Termo utilizado para referir-se a família de Jesus de Nazaré.



SANFONEIRO

O sanfoneiro é o instrumentista de maior importância no diálogo entre mestre e banda. Isso deve ao fato de a sanfona ser o primeiro instrumento a responder aos versos. No entanto nem todas as folias possuem sanfoneiros e em outras muitas vezes o mestre também acumula esta função, como é o caso na Reisado Flor da Primavera.



INSTRUMENTISTAS

São os outros componentes da banda, guiados pelo mestre e contra-mestre, são responsáveis por reproduzir as melodias que se encaixam como pano de fundo para os versos do mestre, que dita o andamento da banda e a evolução de toda a Folia.

Apresentam grande importância prática no momento da brincadeira do Palhaço, reservado ao final de cada visita, neste momento são guiados pelo mesmo durante sua apresentação que alterna o som da bateria com os versos do palhaço.

Visualmente acrescentam imponência às Folias, pois uma banda numerosa ou por outro lado pequena porém bem enfeitada, pode contribuir para o embelezamento do ritual e para que a Folia tenha mais chances de ser chamada para festivais e apresentações, algo muito importante para a sobrevivência e disseminação desta cultura nos dias atuais.



TRÍADE

Mestre

Bandeira

Palhaço



Sacerdote

Altar / Objeto
sacro

Profano

SIMBOLISMOS

O PALHAÇO

O “palhaço”, “marungo”, “bastião”, “patrício” ou “soldado de Herodes”, é sem dúvida o elemento mais cativante e abominoso presente no Reisado e por ser portador de características tão antagônicas, que se faz necessário um olhar mais abrangente sobre o mesmo.

É uma figura de características pitorescas, com vestes coloridas e máscaras carrancudas. Seu comportamento é subversivo e brincalhão, fazendo com que muitas vezes seja associado ao profano.

Se o analisarmos a partir da dicotomia “bem e mal”, que permeia as narrativas cristãs, o mascarado comumente fica fadado a ser vinculado ao mal, porém para entender sua multiplicidade de simbolismos, é necessário assumir seu viés sincrético, investigando a presença de mascarados nas manifestações religiosas natalinas ibéricas e sua relação com uma importante entidade de religiões de matriz africana, como o Camdonblé e a Umbanda.



MASCARADOS EM FESTEJOS RELIGIOSOS IBÉRICO

Investigando a presença de mascarados nesses festejos, é possível traçar paralelos entre estes e o marungo. Para tal foi utilizado como referência de pesquisa, a dissertação de Renato Mendonça Barreto, intitulada “Os Palhaços da Folia de Reis Flor do Oriente: Um Estudo Sobre a Imagem e Construção da Identidade Cultural” e o documentário “Máscaras” de Noémia Delgado, que acompanha festejos de inverno, lusitanos.

Em seu trabalho, Renato cita manifestações ritualísticas presentes na zona rural ibérica, onde a existência destes personagens é marcante, demonstrando as semelhanças deles com os bastiões do Reisado, em âmbito simbólico e físico. Posteriormente insere simbologias atribuídas a entidades presentes em religiões de descendência africana, nesse grande caldeirão de significações que o marungo desponta.

É possível perceber a coexistência de práticas católicas e pré-católicas nos festejos ibéricos, a presença dos carrancudos pode ser um resquício do paganismo na região. Em geral esses personagens de rosto misterioso aparecem sem fazer alusão a uma figura específica. Podem ser definidos como diabretes inquietos capazes de travessuras inofensivas, é deste modo que se apresentam os “caretos” de Varge⁷.

No Natal, é celebrado uma missa especial que marca o rito de passagem dos rapazes solteiros para a fase adulta, essa celebração é chamada de “festa dos rapazes”. Nesta missa os

7 - A aldeia de Varge é uma das mais tradicionais de Trás-os-Montes, situada no Conselho de Bragança, Freguesia de Aveleda, no interior do parque natural de Montesinho. A aldeia conserva um aspecto rústico com casa de pedras, os habitantes vivem da agricultura, pesca e caça.



jovens beijão a imagem do menino Jesus e deixam a celebração em grupo, para vestirem-se com as fardas.

Devidamente paramentados, esperam os aldeões retornarem da igreja, para que estes possam assistir as declamações das “loas”, versos de caráter cômico, preparados antecipadamente pelo poeta da cidade, abordando acontecimentos ocorridos durante o ano.

As “loas” se assemelham as “chulas” proferidas pelos Palhaços do Reisado. Ambos os tipos de versos possuem viés humorístico e ácido, tratando de conveniências sociais e aspectos culturais de seu grupo.

Outra semelhança ritualística é a “ronda”, após o espetáculo das “loas” os caretos saem pela cidade acompanhados pelos gaiteiros e os “mordomos”, arrecadando donativos para ceia ao final do dia. Este momento equipara-se à peregrinação foliã entre casas, quando os palhaços fazem pedidos de donativos em moedas assim como os caretos.

É perceptível que os mordomos permanecem sempre com uma postura mais contida e são os principais responsáveis por arrecadar os donativos e dirigir as ações. A postura se aproxima do Mestre Reiseiro, conferindo mais uma equivalência entre os dois rituais, destacada pela dualidade construída entre mordomo e careto, assim como Mestre e Palhaço.

“Os mordomos são escolhidos anualmente pela comunidade local, exercendo o papel de —juiz e dirigindo a celebração. Penso que essa legitimidade local atrelada à responsabilidade de direção das formalidades, oferece uma proximidade com a figura do Mestre Folião, que no aspecto organizacional do seu contexto ritualístico é o que norteia algumas práticas. Desta forma, vejo que a dualidade mordomos/caretos e Mestre Folião/Palhaços, dialogam com a idéia de —oposição complementar que revela aspectos relativos de —disjunção e —conjunção entre os sujeitos envolvidos.”

(SILVA, Renato, 2011, p.80)

Em Grijó de Parada os festejos a Santo Estevão nos dias 26 e 27 de dezembro, também são marcados pela presença dos caretos, e mais uma vez sem um apontamento a uma figura específica. Estes atuam como elemento ritual autônomo e dissidente, permanecendo a parte dos hábitos santificados. O rito é marcado por uma missa seguida de refeição coletiva, na qual todos podem contribuir e participar.

As figuras centrais nestes festejos são o “Rei” e o “Bispo”, evocando a uma era medieval. No momento da refeição sentam-se à mesa somente os elementos de maior simbolismo: o padre, o “Rei”, o “Bispo”, o homem mais velho da aldeia e o mais pobre. Neste rito os mordomos ficam responsáveis por servir a Mesa de Santo Estevão.

Antes do banquete, ocorre o processo de benzimento da mesa. Em paralelo a isso os caretos percorrem a cidade interagindo com os moradores e arrecadando moedas, que são fixadas em maças carregadas por eles. Percebe-se aqui mais um tangenciamento com o Terno de Reis, já que o palhaço não deve entrar na casa do devoto no momento da oração, a menos que seja convidado por um motivo especial, permanecendo de lado externo onde brinca com os vizinhos e arrecada moedas.

Em ambos os festejos a vestimenta dos caretos é bem semelhante a dos palhaços, possuem fardas costuradas com filetes de pano coloridos, e máscaras que possuem feições monstruosas e exageradas. Ambos os personagens impunham cajados. No caso dos caretos, este é muito usado no ato de jogar feno para cima, aspecto comum do rito.

No Reisado os cajados podem ser talhados ou não. Acompanhando a Flor da Primavera foi possível ver exemplos de cajados bem detalhados como do palhaço Sucurí, que possuía uma serpente colorida rodeando o corpo do objeto.

Importante destacar que essa semelhança visual fica mais clara com relação a farda composta por filetes retangulares de pano, reconhecida como farda de farrapos. Ao comparar com a farda rodada, que se diferencia por ser composta de camadas sobrepostas de pano coloridas, a semelhança se torna um pouco menos evidente, mas ainda é marcante.



Partindo para Mogadouro, existe um mascarado muito peculiar, com simbolismo e papel ritualístico ainda mais específico que os caretos. O Chocalheiro de Bemposta desfila 26 de dezembro e 1 de janeiro, percorrendo a aldeia recolhendo esmolas para Nossa Senhora e o menino Jesus. A figura assume para os aldeões uma natureza fantástica e ostenta atributos de um ser diabólico, assim o é descrito em “Máscaras”.

Semelhante ao palhaço, que é tido como o guardião de sua folia, a entidade é temida e respeitada por ser considerada de extrema necessidade para a proteção da aldeia. Ainda sobre este paralelo, aos dois personagens é permitido agir acima das convenções sociais, tendo liberdades que normalmente seriam negadas a um sujeito comum.

O mais curioso sobre este mascarado, é que um único homem por ano pode vestir a farda, e esse privilégio é alcançado através de um leilão, realizado durante a madrugada na casa do mordomo. As vestes permanecem em uma instância da igreja durante o ano, à espera do missionário, que deve também ser alguém devedor de uma promessa.

Este último traço demarca uma relação de dívida que o chocalheiro tem com sua jornada, remetendo a ligação que o palhaço tem com sua folia. É validado entre foliões, que o Palhaço deve cumprir um ciclo de sete anos a partir do momento em que vestir a farda, estando sujeito a sofrer revés dos Reis, caso não seja cumprido. Por isso o ofício de Palhaço é muitas vezes adotado em decorrência de uma promessa ou graça alcançada.



Seguindo pelos caminhos que levam a aproximação com o diabólico, que se pode fazer uma ligação com a figura de Exu. Em seu trabalho Renato destaca alguns depoimentos de foliões que comprovam esta relação simbólica, onde os mesmos chegam a comparar a figura de herodes a Exu.

Esta metáfora denota uma redefinição católica a respeito da entidade africana, enquadrando-a dentro da dicotomia sagrado e profano ou bem e mal. Exu estaria fadado a identificar-se com o mal, já que possuía características de traquinas, trapaceiro e brincalhão, e por essas propriedades o palhaço estaria identificado como o soldado de Exu.

Trazer Exu para dentro do universo cristão e interpretá-lo ignorando aspectos fundamentais de seu ser, atribuindo um valor apenas negativo a esta entidade, torna incompleta sua compreensão, assim como a do Bastião.

Conversando com meu pai (Umbandista praticante), a respeito da natureza de Exu, o mesmo fez questão de frisar que não se deve atribuí-lo juízo de valor, sendo uma entidade de luz e estando sempre em busca de desenvolvimento espiritual. É capaz de canalizar energias para realização de “trabalhos”, tanto para o bem quanto para o mal. As consequências de sua intervenção dependem das intenções de quem está fazendo a prece e não da entidade, portanto Exu estaria acima deste enquadramento dicotômico.

Então, adotando a premissa de que Exu é uma figura que se posiciona além do certo e errado, faz sentido relacioná-lo ao palhaço. Dessa forma o palhaço e a entidade, simbolizam um ser em desenvolvimento espiritual, o que se sustenta mesmo levando em conta a metáfora com os soldados de Herodes, pois estes enviados para matar o menino Jesus se arrependem, submetendo-se à sua santidade.

Em termos rituais, o que corrobora para esta visão é o momento da festa de arremate, quando o palhaço tem suas transgressões perdoadas e é abençoado pela bandeira de sua folia, subjugando-se a ela, assim como os soldados a Jesus, em troca de benção e proteção para os próximos anos de peregrinação.

A MÁSCARA, A FARDA E O CAJADO

Após explorarmos o aparecimento de mascarados em outros rituais, com um olhar atento para as convergências com o Marungo, torna-se possível deslocarmos o olhar para as características compositivas dele, e como elas comunicam em domínio público. A aparência pitoresca é um dos artifícios, que junto com o seu gestual e os versos, ajudam a construir uma única imagem cinestésica⁸ e demarcar seu posicionamento simbólico no rito.

O primeiro contato do bastião com o espectador geralmente ocorre através de sua imagem fixa, ou visual. Este contato por si só já é o suficiente para evocar alguns sentimentos no observador, principalmente naquele alheio a cultura foliã, desprovido de qualquer arcabouço cultural prévio sobre o tema.

Tendo em mente um indivíduo livre de qualquer relação anterior com o Patrício, no contexto da Folia, e adotando a ótica de Pierce a respeito dos signos, este observador ingênuo, tende a atentar primeiro para os elementos tangíveis da máscara (formas, cores, materiais, texturas), para em seguida traçar qualquer comparação a algo que já conhece (chifres, dentes, pelos, feição) e, assim ser capaz de configurar simbolismos num terceiro momento.

A grande questão é que as características físicas da máscara de Palhaço são exageradas e animais, as cores são vibrantes, as formas distorcidas e pontiagudas, gerando estranheza e repulsa, inerentes da própria natureza de autopreservação humana. Essa

reação anterior a qualquer possível relação de simbolismo, pode ser um fator que contribui para a imagem do Patrício ser atrelada a conceitos negativos.

Adotando a máscara como principal canalizador da interação da imagem fixa do Palhaço e o observador, devido ao seu caráter chamativo, partiremos dela para explorar as formas como ambos se comunicam e como ocorre a relação do próprio Marungo com sua carranca. Para esta investigação trataremos do objeto em dois contextos que se misturam na Folia de Reis, o teatral e o religioso.

Os Yaka, pertencentes a nação Bakongo, distribuídos por um território dividido entre a República Democrática do Congo e a República de Angola, são portadores de uma manifestação cultural com a presença de máscaras sagradas, que marca o rito de passagem dos jovens para a idade adulta.

Nesta iniciação os jovens são circuncidados, passando por um período de reclusão onde ficam em contato com entidades, representadas através de mascarados. Após o processo de circuncisão e recuperação dos jovens sob a proteção dos antepassados, os rapazes se mascaram, em um festejo que marca sua passagem para a idade adulta.

⁸ - Me utilizo neste momento do conceito de “Tripé de Imagens”, desenvolvido por SILVA, Renato p.113, para definir as diferentes qualidades de imagens produzidas pelos palhaços.

Tais máscaras, tomam um sentido religioso de conexão com o divino e isso se torna claro em seu processo de fabricação, em seu isolamento e utilização específica. No processo de fabrico, o escultor (Nkalaween), indivíduo que goza de prestígio e sabedoria para exercer tal função, deve seguir uma série de normas ritualísticas e está preso à algumas amarras criativas. Um exemplo é a aplicação cromática nas máscaras, as cores permitidas são branco, para homenagear os antepassados, vermelho para celebrar o presente e a juventude (que se encontra em processo de amadurecimento com o ritual e preto para agradar aos espíritos maléficos, mantendo-os satisfeitos).

Para os Yaka estes objetos assumem algumas funções bem específicas dentro do ritual e logo depois da cerimônia são destruídos, afastando-os do status de obra de arte e aproximando de sua função religiosa.

No reisado as máscaras de Palhaço não são destruídas após as jornadas, mas sua utilização é restrita a este período e às festas de arremate. Assim como os Yaka colorem suas máscaras em referência a entidades diversas, a estética carrancuda do palhaço transcende a representação de um elemento único e evoca uma grande gama de interpretações ligadas, a figuras de um passado bíblico e até mesmo entidades como Exu.

Deste modo torna-se evidente a importância da carranca do Palhaço como meio de comunicação com figuras presentes no universo cultural do folião e que evocam a um passado mítico. Por essa razão, atrevo-me a sugerir que poderiam ser enquadradas como objetos religiosos.



27. Máscara Yaka, República Democrática do Congo, Séc. XX

A respeito do viés teatral, o método da utilização de máscaras na formação de atores, implementado pela primeira vez por Jacques Copeau, será adotado como um referencial comparativo, o que nos ajudará a entender algumas relações entre o Marungo e sua máscara.

Para Copeau⁹ a forma pouco natural como os atores agiam em palco na sua época, tornava a atuação espontaneamente pobre e a maneira que ele encontrou para trabalhar o problema, foi com a utilização de máscaras. O método forçava o ator a focar menos nas expressões faciais e controlar melhor seu gestual. Copeau tratava o feito de vestir a máscara como um ritual, e atribuía valor sacro à ela:

“O ato de colocar a máscara implicava num movimento ritualístico. O ator a segurava com a mão esquerda, a olhava durante algum tempo, e a seguir a colocava no rosto, enquanto a mão direita ajustava o elástico corretamente. esta ação deveria ser realizada num único movimento, acompanhada de uma respiração regular que auxiliava no relaxamento e na concentração do ator.” (DANI, Sandra, 1990, p.86)

O ato de inspirar simultaneamente a colocação da máscara, simbolizava a entrada de um novo ar junto com o objeto na face, sugerindo a aceitação de uma nova vida no intérprete. Para tal, ele precisava estar receptivo a influência da máscara, garantindo o êxito do processo. Destaca-se nessa ocasião, como a máscara pode ter poder de interferência na conduta de seu portador.

⁹ - Jacques Copeau foi um importante, diretor, dramaturgo e crítico de teatro Francês, responsável por revolucionar o método de ensino do teatro e conseqüentemente a forma de atuação no final do século XIX. Foi fundador da “Vieux Colombier”, escola para atores, onde ministrava seu método de atuação com máscaras.

Com o Marungo algo semelhante é notado, ao fardar-se por completo o brincante toma para si a postura e atitude correspondente ao simbolismo que vêm representar. A máscara impede que o observador tenha a visão de suas feições, com isso o corpo ganha expressividade.

No processo de Copeau, adotava-se três tipos de máscaras, a primeira seria a neutra onde o ator atinha-se, ao autocontrole gestual e na abdição de vícios de interpretação, a segunda, intitulada máscara de personagem, já difere abruptamente da neutra, pois justamente representa a individualidade, “provocam reações e atitudes personalizadas com as quais as pessoas se relacionam com o mundo” (Sandra, p.88), a última seria a meia máscara onde o ator poderia incluir a fala nos exercícios.

Dentre as três categorias, a que mais se aproxima do Marungo é a segunda. Ao contrário do que pode parecer, esta máscara não deve sugerir um tipo específico de emoção, pois acarretaria na impossibilidade de ser utilizada em diversos personagens. Ela por sua vez deve conter traços expressivos, estimulando a criatividade do ator.

Nesse quesito a máscara do palhaço parece seguir o mesmo caminho, não se pode afirmar que representa uma única emoção, ou se faz alusão a um único personagem. Ela é exagerada porém misteriosa, o que acaba por estimular o brincante em sua atuação. A este ponto podemos enxergar como alguns patrícios tornam-se indissociáveis de sua função.

A carranca passa a dar vida não mais um personagem, e sim a uma extensão de sua própria natureza de palhaço, o homem e o personagem se misturam.

Renato traz em sua dissertação uma experiência de campo que ilustra isso, destacando uma situação ocorrida no festival de folias em Muqui, onde quando as bandas adentraram na Igreja Matriz de São João Batista, era visível o impasse que brotava em alguns palhaços. Uns no intuito de acessar o interior da igreja e exercer seu momento de oração, retiravam as máscaras deixando-as do lado externo, enquanto outros mantinham-se do lado de fora, mesmo querendo entrar, optando por permanecer com a farda completa e esperar sua folia sair.

A incapacidade desse último grupo de dissociar-se da função de marungo naquele momento, pode ser usada como indício de que a máscara, para além de possibilitar a liberdade de se ser quem não é, torna-se também instrumento para acessar uma nova existência dentro de um mesmo indivíduo.

Outro componente importante para a imagem do palhaço é o macacão que cobre seu tronco e membros, chamado de farda. Este adquire valor, pois como a mobilidade corporal se torna um meio de comunicação valoroso para o brincante, suas vestes podem ser utilizadas de forma a exacerbar a movimentação.

Existem três tipos de farda, chitão, rodada e farrapo, acompanhando a folia Flor da Primavera, só tive oportunidade de observar de perto as duas últimas. As diferenças são bem notáveis entre elas.

10 - Muqui é um município no estado do Espírito Santo, onde anualmente ocorre um grande festival de Folias. Os cortejos ocorrem no centro histórico do município e as bandas desfilam até a igreja de São João Batista para receberem a benção.

A farda rodada é composta por um conjunto de camadas de pano que rodeiam horizontalmente o tronco e os braços do palhaço. Algumas vezes estes modelos são acompanhados de grandes capas que cobrem quase por completo o corpo do Patrício. De modo geral essas fardas são feitas para movimentos circulares, pois as camadas de pano acabam sendo arremessadas ao vento durante o giro, dando um efeito visual chamativo.

As máscaras desse tipo de Palhaço geralmente são maiores e mais arredondadas, contando com mais detalhamento como chifres, e auréolas penduradas na parte traseira da máscara, decoradas com fitas coloridas esvoaçantes.

Os palhaços de farrapo, possuem um macacão composto por camadas de filetes retangulares de pano costurados, dando um aspecto de pelo que cobre todo o corpo do artista. Neste caso o formato dos membros fica mais aparente. Essa farda é vantajosa por ser menos pesada, sendo adotada por palhaços que se utilizam de movimentos acrobáticos mais complexos, como piruetas e saltos sobre objetos ou companheiros de farda.

As máscaras escolhidas por estes Marungos, comumente são menos pesadas e adornadas que as do Palhaço de farda rodada, além de serem feitas de espuma, adequando-se ao tipo de brincadeira que esses palhaços executam, são mais leves, amortecendo possíveis impactos.

O Palhaço de chitão, veste um tipo de macacão que difere muito dos demais pois não apresenta inúmeras camadas de pano sobrepostas. É possível ver diferentes tipos de pano mas em geral somente em regiões mais específicas do corpo, como babados que contornam o pescoço, cobrindo os ombros, o busto e a parte superior das costas. Os pulsos e tornozelos também são adornados com babados, e o macacão assim como nos farrapos, deixa evidente a extensão dos membros.

Por último um instrumento bem comum entre os palhaços é o cajado, esse objeto tradicionalmente deveria ser portado somente pelo Mestre palhaço, porém pude presenciar alguns aprendizes também o portando. Se bem empunhado pode ser muito importante no momento da brincadeira do palhaço, para evitar certas dificuldades impostas por alguns devotos para testar os poetas.

Um momento ilustrativo, foi quando a Flor da Primavera ao realizar visita em duas casas de culto afro descendentes no mesmo dia, os Palhaços se depararam com o chão das residências coberto por de bananeira. Neste momento alguns patrícios ao entrarem no recinto, escorregaram. Diferente dos demais, “Parafuso”, o mais experiente, deu seus primeiros passos calmamente empurrando as folhas com o cajado e deixando o trânsito livre para que “Coquinho” pudesse acompanhá-lo na apresentação.

Uma curiosidade sobre este instrumento é que podem ser talhados com formas ou figuras que remetem ao nome do brincante ou tenham algum significado para o portador, outros são formados por complexos entrelaçados de galhos finos, como do palhaço “Azul” por exemplo.

Os diversos componentes e aspectos que compõem a imagem do Patrício, são determinantes para dar a alma desses personagens. Pois ao mesmo tempo em que configuram uma coletividade entre os poetas, podem reforçar suas particularidades e torná-los conhecidos, destacando-se dos demais e gerando prestígio no meio em que atuam.

A HISTÓRIA E SEUS ASPECTOS

A partir deste momento serão discutidas algumas especificidades da história desenvolvida pelo Mestre Bokinha, abordando pontos mais subjetivos presentes no Reisado e que são trazidos para o enredo do livro, como a questão da oralidade, hereditariedade e fé. Esta análise é feita a partir de minha interpretação e não do autor. Primeiramente será apresentado o texto original do mestre, logo a seguir.



O POEMA

Leitores que apreciam
Toda poesia minha
Vamos juntos nessa agora
Viajar em uma historinha
Vamos todos conhecer
O amigo poeta Bokinha.

Ainda com pouca idade
Neste círculo começou
Herança a ele deixada
Por seu tio, seu pai e seu avô
E assim foi o Bokinha se destacando
Nos lugares por onde passou.

Este trovador danado
Pula mais do que saci
Dever de um grande poeta
É fazer o povo sorrir
Menino da perna torta
Cabeça de abacaxi.

Foi com seu pai Parafuso
Que o poetinha aprendeu
Se encontraram no Natal
Nenhum dos dois lá correu
O circo ficou pequeno
Nesse dia o couro comeu.

E o poeta mais velho
Bateu com folha de ortiga
Sentou-se o bumbum do mais novo
Em cima da casa das formigas
Ele gritava e se mijava
De dar câimbra na barriga.

Naquela hora invocou-se
O nosso amigo Bokinha
Que deu um beliscão no velho
Jogou ovo, fubá e farinha
E mandou ele tacar formiga quente
Na calça da vovózinha.

O povo ficou vendo
Quem é que perde ou ganha
Parafuso experiente
Já sabia toda sua manha
Na folia que eu brincar
Meu patrício não apanha.

Antes de me maltratar
Eu vou lhe ensinar primeiro
Como se faz um palhaço
A desmanchar um cruzeiro
Seja ele feito em moedas
Ou cruzado por dinheiro.

Foi naquele exato momento
Um sujeito mal encarado
Fez um cruzeiro de pratas
E perguntou o significado
Mas foi em uma cruz de madeira
Que Jesus foi cravejado.

Morreu o filho de Deus
Para salvar nossos pecados
Judas recebeu trinta moedas
Não foi dinheiro amarrado
Quem bota dinheiro em roda
Não sabe o significado.

Os dois poetas arretados
Animavam a brincadeira
Saudaram o povo presente
Aquela plateia maneira
Amantes e participantes
Da cultura brasileira

Que a santa mãe verdadeira
Abençoe o povo que leia
A história de dois trovadores
Que na rima não bobeia
Que nasceram para ser poeta
O sangue corre na veia

O bom poeta semeia
Eu trago sempre comigo
Os versos que aqui citei
São para vocês meus amigos
Até outra ocasião
Obrigado amigo Rodrigo

E agora eu agradeço
Meu amigo leitor
Aqui quem fala é Coquinho
Poeta improvisador
Essa foi a história
Do meu pai e meu avô
Dizem por aí que eu tenho
Fama de bom cantador
Se é verdade eu não sei
Bom mesmo é quem me ensinou

ORALIDADE

Como já foi citado, a questão da oralidade é um importante aspecto para a sobrevivência do Reisado no Brasil. Muitos Palhaços ou Poetas, como alguns preferem ser chamados, são analfabetos dificultando para que seus versos sejam registrados na forma escrita. Com isso, quase a totalidade deste conteúdo é passado através de gerações pela fala, assim como diversos mitos em torno da Folia de Reis também sobrevivem a partir desta dinâmica.

É comum vermos patrícios lembrando de histórias sobre momentos em que outros palhaços, usaram seus versos, ou tentaram assumir a autoria deles. O fato de o registro documental ser escasso contribui para esta dinâmica, que pode tomar contornos negativos como estes.

A respeito da disseminação dos mitos, um exemplo é a premissa foliã que diz sobre o palhaço evitar cruzar a frente de sua bandeira, pois poderia perder a habilidade de rimar, ficando a cargo do mestre desfazer o feitiço com uma série de versos específicos.

Muitas outras premissas sobrevivem a partir de uma cultura própria, originária da comunidade de devotos e foliões, e que se retroalimenta sem um livro de registros históricos ou um guia de normas a serem seguidas.

Percebendo esta dinâmica, fica claro que a forma como Bokinha constrói seus versos, assumindo alguns vícios da linguagem oral, é um forte indício da predominância deste meio e ao mesmo tempo caráter indissociável do Reisado, que precisa ser respeitado, pois contribuiu para sua continuidade.

FÉ

Oralidade e hereditariedade são instrumentos que garantem a perpetuação da folia, mas que só são efetivos pois a espinha dorsal de toda a festividade é a fé dos devotos e foliões. Tudo gira em torno da adoração aos Santos Reis e a Sagrada Família, sem isso conceitos como a mandinga do palhaço, a santidade da bandeira e o status atribuído ao mestre não existiriam, as relações não teriam sentido dentro do festejo. Portanto e devoção é fio que liga todos os demais conceitos e simbolismos e está presente por todo o enredo do livro, às vezes de forma implícita e em outras de forma direta.

CONSTRUÇÃO NARRATIVA

Em posse do texto final do livro e com os conceitos que permeiam a narrativa esclarecidos, fez-se necessário testar soluções para a arquitetura das relações texto e imagem.

Garantindo que o leitor tivesse uma experiência literária que fosse atraente, imersiva e que comunicasse o tripé conceitual destacado no capítulo anterior.

Era preciso investigar como seriam solucionadas as composições mesclando texto e imagem. Em um primeiro momento o objetivo foi definir a composição geral, sem preocupação direta com a linguagem estética final ou design de personagens, e cenários. Foi feito uso das referências fotográficas adquiridas durante a pesquisa de campo, para desenhar os personagens que foram modificados posteriormente.



REFERÊNCIAS

Neste momento foi importante ter referências claras a respeito da composição de cenas, e as principais fontes utilizadas foram os trabalhos de Lorenzo Mattotti e Zao Dao, a obra “Carnaval” de Mattotti foi essencial para a pesquisa de construção de cenas, por se tratar de um livro que traz impressões do autor a respeito de sua experiência no carnaval carioca, composto por cenas repletas de informações visuais, diferentes personagens em um mesmo enquadramento e muitas camadas sobrepostas.



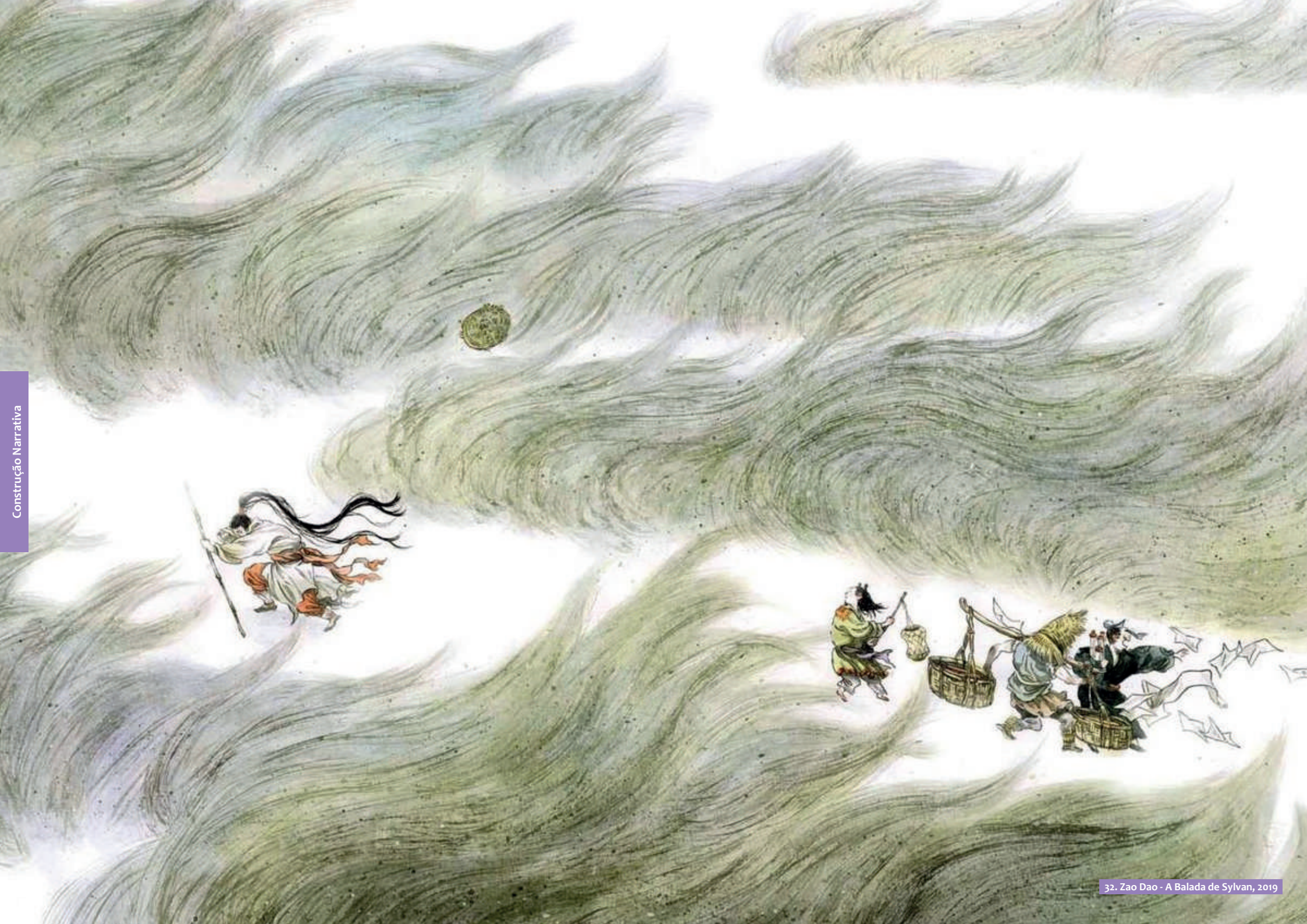
31. Lorenzo Mattotti - Carnaval, 2006



Em “A Balada de Sylvan” Zao Dao conta uma história sobre o crescimento, a superação dos próprios medos e desenvolvimento pessoal de um jovem, que sai em jornada em busca de autoconhecimento. Retratando cenários da região montanhosa da China, a ilustradora alterna composições complexas cheias de componentes, com outras mais sóbrias onde o suporte participa ativamente nas cenas, oferecendo valor simbólico ao vazio e dando foco a determinados personagens.

Ambos os exemplos destacados foram explorados como referência conceitual para o desenvolvimento das composições do boneco reduzido do livro. Neste foi possível notar a variação de composições altamente preenchidas por elementos de cenário e personagens secundários, com outras onde o suporte é privilegiado como fundo dando enfoque aos personagens principais.





BONECO

O Boneco do livro contendo as composições básicas, foi elaborado adotando uma dinâmica em que sempre é apresentado uma estrofe por página dupla, para manter o ritmo de leitura e respeitar uma orientação do autor.



TRANSIÇÕES ENTRE IMAGENS

Considerando a elaboração de uma narrativa baseada em um poema e uma sequência de imagens que se relacionam, a escolha pertinente das transições entre imagens influencia na interpretação do leitor e no ritmo da leitura.

Pautado pelos conceitos apresentados por Scott McCloud em “Desenhando Quadrinhos”, a respeito das transições entre quadros, e assumindo cada página do livro como um quadro dentro de uma história em quadrinhos, podemos utilizar tais artifícios também no livro ilustrado.

Em “A Jornada”, basicamente foi necessário utilizar três tipos de transições descritas por McCloud, “cena a cena”, “aspecto a aspecto” e “momento a momento”.



CENA A CENA

Por se tratar de uma narrativa que aborda a vivência de palhaço de folia de Reis e não diretamente sobre reisado, era preciso apresentar ao leitor um pouco do ambiente da festa e o contexto da narrativa. O artifício utilizado foi uma cena panorâmica do cortejo em peregrinação antes do texto começar.

Em *Desenhando Quadrinhos*, Scott McCloud reflete a respeito das escolhas de enquadramento, para fornecer ao leitor informações adicionais a respeito da ação, de um ou mais personagens, dentro de uma cena ou de focar em uma emoção e aspecto. A tomada panorâmica é exemplificada como ferramenta para trazer uma visão mais ampla da ação em casos de transições entre cenas.

Neste caso a transição ocorre entre páginas duplas.

Cena 1



35

Cena 2



36



ASPECTO A ASPECTO

A transição aspecto a aspecto permite associação entre imagens que se complementam, trazendo diferentes leituras de um mesmo lugar ou cena, ao apresentar múltiplos ângulos de visão. Isso permite dar foco às ações mais importantes e aos detalhes mais significativos para a construção da narrativa.

No exemplo abaixo a transição entre as duas páginas acontece apresentando diferentes visões da mesma cena. No primeiro momento a visão que o personagem tem da bandeira e no seguinte é apresentado a imagem perfil do personagem, revelando a posição de submissão do mesmo em relação ao estandarte.

Neste caso a transição ocorre entre páginas únicas.

Cena 1



Cena 2





Ainda com pouca idade
Neste círculo começou
Herança a ele deixada
Por seu tio, seu pai e seu avô
E assim foi o Bokinha se destacando
Nos lugares por onde passou.

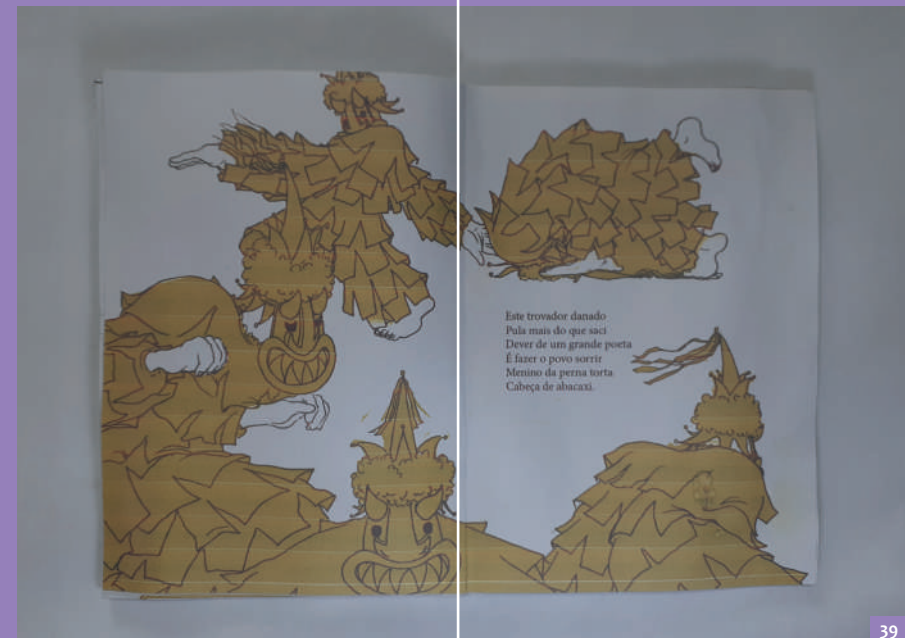
MOMENTO A MOMENTO

Como já foi citado os três personagens da história são palhaços, portanto foi necessário utilizar diferentes artifícios para comunicar a imagem cinestésica do palhaço.

Um dos meios para tal foi o uso da transição momento a momento, pois desta forma seria possível destacar diferentes instantes de uma mesma ação, e portanto, decupar a movimentação do palhaço, permitindo ao leitor a noção de sua atuação corpórea no ritual.

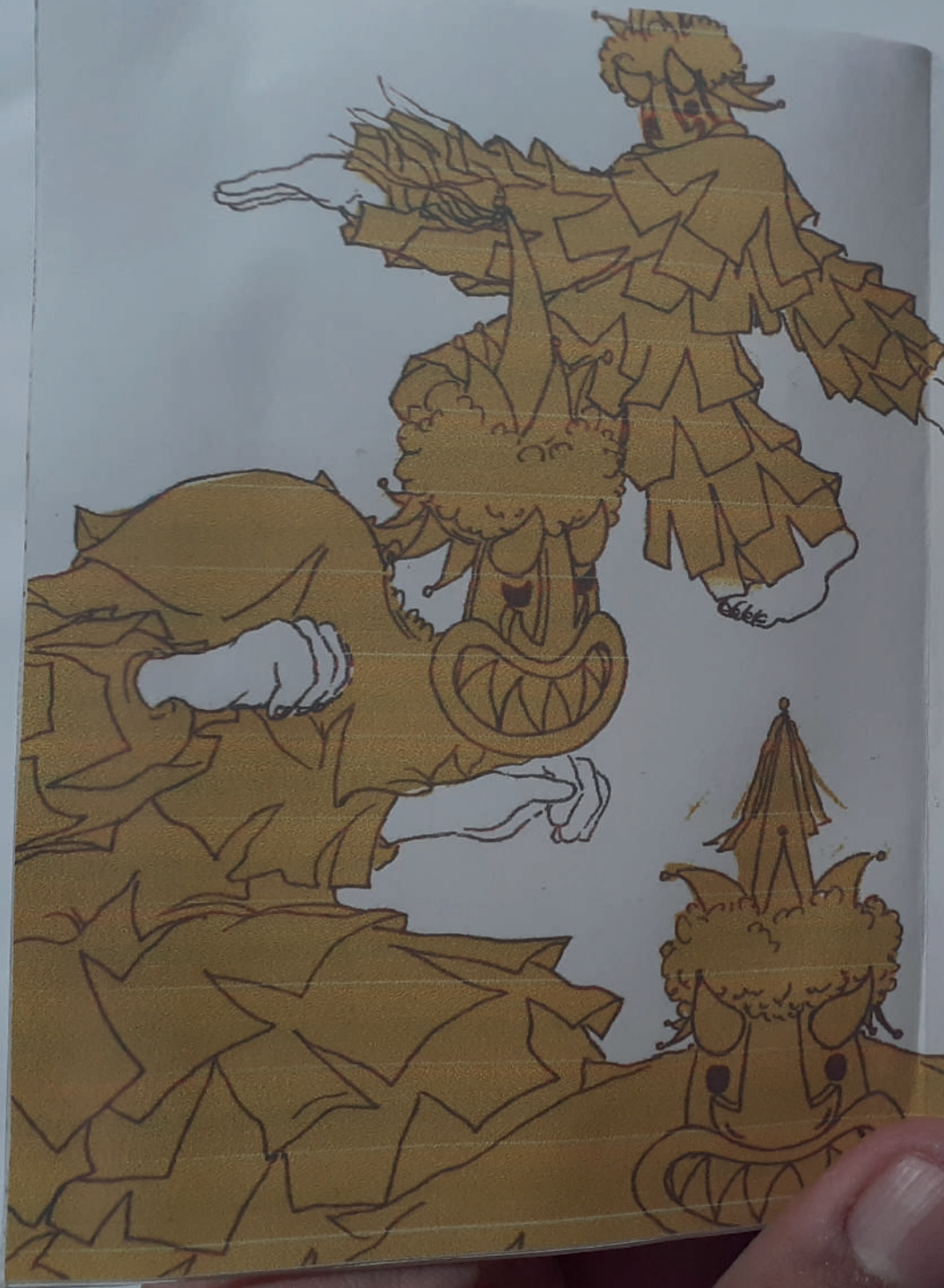
Cena 2

Cena 1



39

Neste caso a transição ocorre entre páginas únicas.



Este trovador danado
Pula mais do que saci
Dever de um grande poeta
É fazer o povo sorrir
Menino da perna torta
Cabeça de abacaxi.

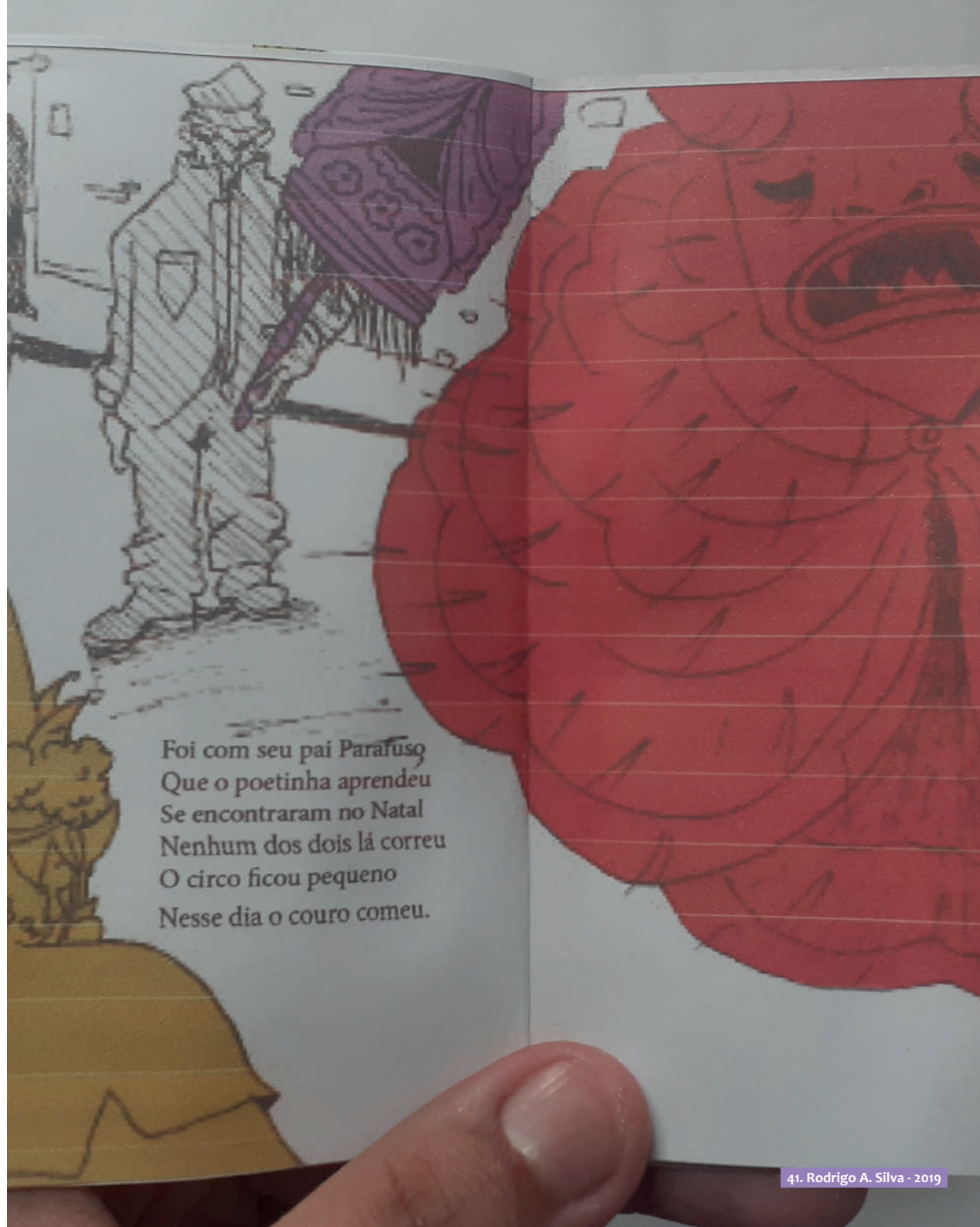


RELAÇÃO ENTRE TEXTO E IMAGEM

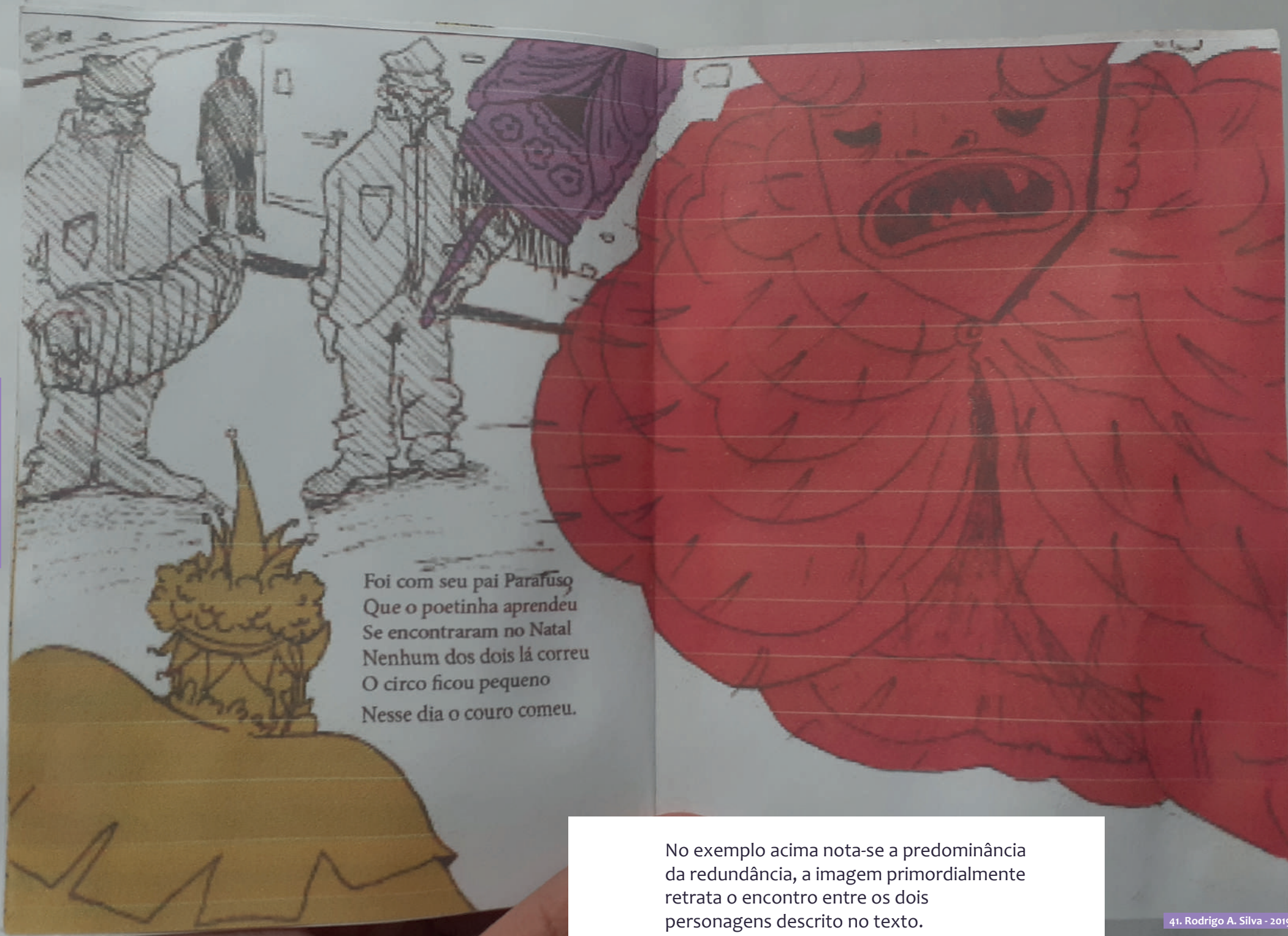
Baseado na pesquisa contida em “Para Ler o Livro Ilustrado” de Sophie Van Der Linden, em que ela traça os tipos de relações existentes entre o texto e a imagem dentro de um livro ilustrado, pode-se analisar as relações predominantes em “A Jornada”.

Linden destaca que estas relações se dividem em três tipos, redundância, colaboração e disjunção. Em “A Jornada” não foi necessário utilizar a disjunção, onde não se detecta nenhum ponto de convergência entre os dois tipos de conteúdo, quase como se a ilustração contasse uma história paralela ao texto.

Devido à forma como o autor constrói a narrativa, sem se preocupar em ambientar o leitor sobre o tema, foi preciso trazer essas informações em ilustrações, que variam entre repetir o que está escrito no texto, apenas adicionando detalhes gráficos e momentos em que articulam e constroem sentido em conjunto, com texto e imagem trazendo informações complementares.



Foi com seu pai Parafuso
Que o poetinha aprendeu
Se encontraram no Natal
Nenhum dos dois lá correu
O circo ficou pequeno
Nesse dia o couro comeu.



Foi com seu pai Parafuso
Que o poetinha aprendeu
Se encontraram no Natal
Nenhum dos dois lá correu
O circo ficou pequeno
Nesse dia o couro comeu.

No exemplo acima nota-se a predominância da redundância, a imagem primordialmente retrata o encontro entre os dois personagens descrito no texto.



Ainda com pouca idade
Neste círculo começou
Herança a ele deixada
Por seu tio, seu pai e seu avô
E assim foi o Bokinha se destacando
Nos lugares por onde passou.

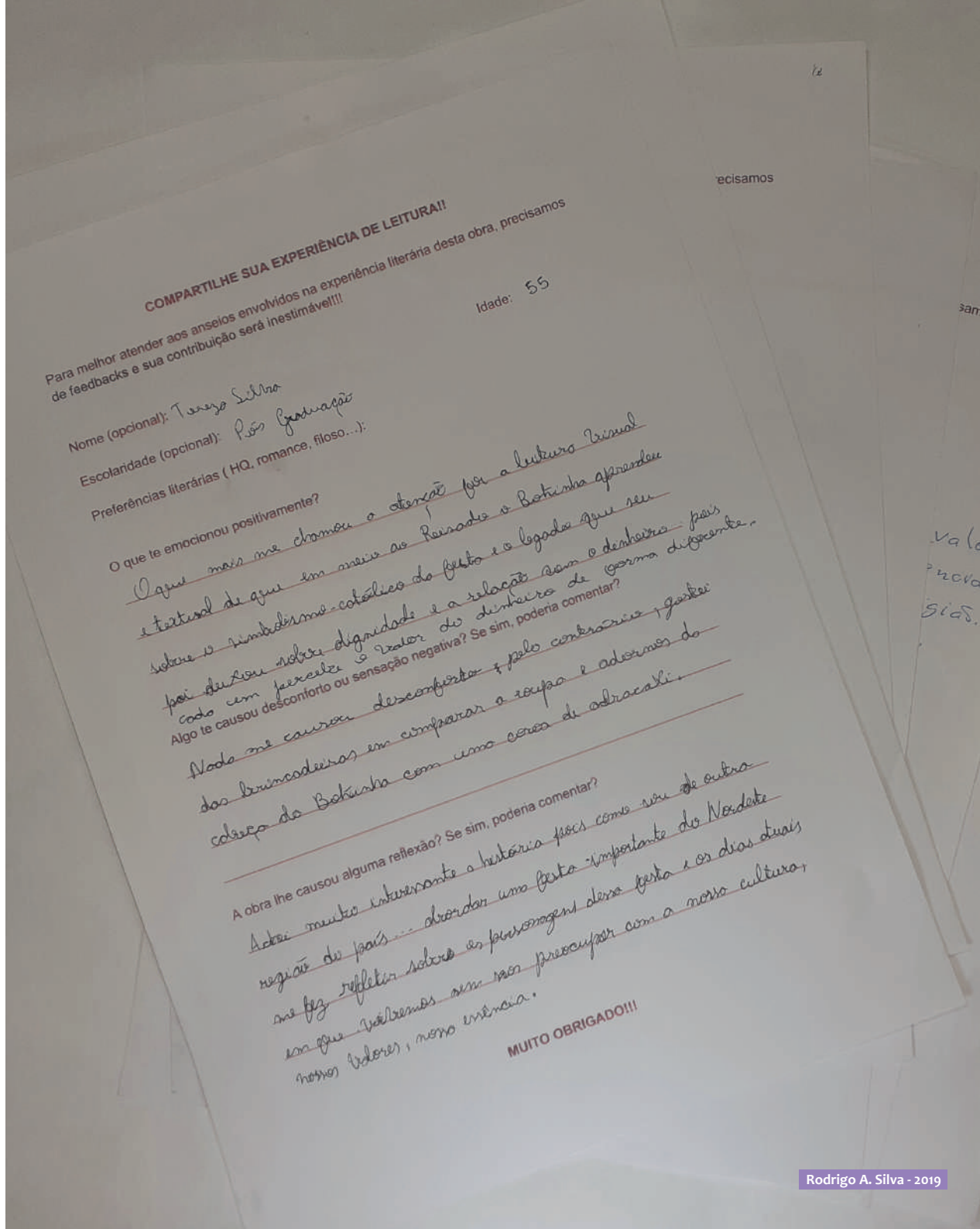
Já na página dupla acima, é possível perceber a complementaridade na relação, visto que imagem e texto efetuam discursos distintos porém conjugam um sentido único, que converge na figura do personagem Bokinha. Neste momento, enquanto o texto descreve Bokinha, a imagem o contextualiza no festejo.

PESQUISA QUALITATIVA

Após o desenvolvimento do boneco reduzido do livro, foi aplicada uma pesquisa qualitativa para analisar a efetividade da narrativa texto/imagem construída. Foi elaborado um questionário com intuito de traçar as impressões dos leitores baseadas somente na composição das cenas e no texto do mestre Bokinha (lembrando que a estética final, portanto alguns artifícios gráficos adotados no produto final, ainda não estavam presentes e foram fruto das observações coletadas através desta etapa da pesquisa).

Era preciso saber se os conceitos básicos da narrativa estavam sendo comunicados ao leitor, ou seja, se as pessoas identificariam tratar-se de uma história sobre a relação de um pai e seu filho, sobre a presença da fé como fundamento dos ensinamentos trazidos pelo autor e se o tema junto às ilustrações estava sendo imersivo e intrigante para o leitor.

Nas páginas seguintes estão listados o conteúdo de alguns questionários, respondidos por pessoas pertencentes a faixas etárias diferentes:



COMPARTILHE SUA EXPERIÊNCIA DE LEITURA!!

Para melhor atender aos anseios envolvidos na experiência literária desta obra, precisamos de feedbacks e sua contribuição será inestimável!!!

Nome (opcional): Tereza Silveira

Idade: 55

Escolaridade (opcional): Pós Graduação

Preferências literárias (HQ, romance, filoso...):

O que te emocionou positivamente?

O que mais me chamou a atenção foi a leitura visual e textual de que em meio ao Recado o Botinha aprendeu sobre o simbolismo-católico do festa e o legado que seu pai deixou sobre dignidade e a relação com o dinheiro... pois todo um fazendeiro e valor do dinheiro de forma diferente.

Algo te causou desconforto ou sensação negativa? Se sim, poderia comentar?
Nada me causou desconforto, pelo contrário, gostei das brincadeiras em comparar o roupas e adornos da coleção do Botinha com uma coroa de adracali.

A obra lhe causou alguma reflexão? Se sim, poderia comentar?

Achei muito interessante a história pois como se viu de outra região do país... abordar um festa importante do Nordeste me fez refletir sobre as personagens dessa festa e os dias atuais em que vivemos sem nos preocupar com a nossa cultura, nossos valores, nossa essência.

MUITO OBRIGADO!!!

COMPARTILHE SUA EXPERIÊNCIA DE LEITURA!!

Para melhor atender aos anseios envolvidos na experiência literária desta obra, precisamos de feedbacks e sua contribuição será inestimável!!!

Nome (opcional): Ingrid Silveira Paraguassú.

Idade: 16

Escolaridade (opcional): Ensino Médio (cursando)

Preferências literárias (HQ, romance, filoso...):

O que te emocionou positivamente?

Achei engraçado a parte que sentom em cima do formigueiro, principalmente as expressões dos personagens.

Algo te causou desconforto ou sensação negativa? Se sim, poderia comentar?

Não, nada me deixou desconfortável

A obra lhe causou alguma reflexão? Se sim, poderia comentar?

COMPARTILHE SUA EXPERIÊNCIA DE LEITURA!!

Para melhor atender aos anseios envolvidos na experiência literária desta obra, precisamos de feedbacks e sua contribuição será inestimável!!!

Nome (opcional): *Notanda*

Idade: *31*

Escolaridade (opcional): *Pós graduada*

Preferências literárias (HQ, romance, filoso...): *HQ's, livros de terror, alguns livros infantis, etc...*

O que te emocionou positivamente?

Representação cultural que nem sempre esta feita (da mesma)

Algo te causou desconforto ou sensação negativa? Se sim, poderia comentar?

Não!

A obra lhe causou alguma reflexão? Se sim, poderia comentar?

O quanto pouco eu sei de ~~o~~ esse cultura que não está na TV, e nem na rua, num recorde.

MUITO OBRIGADO!!!

COMPARTILHE SUA EXPERIÊNCIA DE LEITURA!!

Para melhor atender aos anseios envolvidos na experiência literária desta obra, precisamos de feedbacks e sua contribuição será inestimável!!!

Nome (opcional): *Guilherme*

Idade: *79*

Escolaridade (opcional): *universitário (incompleto)*

Preferências literárias (HQ, romance, filoso...):

O que te emocionou positivamente?

O relacionamento de pai e filho onde valores do ser humano são passados que influenciam nas atitudes no lar, no trabalho, na religião. A solidariedade nos momentos difíceis.

Algo te causou desconforto ou sensação negativa? Se sim, poderia comentar?

Não

A obra lhe causou alguma reflexão? Se sim, poderia comentar?

Sim. O bem deve predominar sobre o mal.

MUITO OBRIGADO!!!

Para melhor atender aos anseios envolvidos na experiência literária desta obra, precisamos de feedbacks e sua contribuição será inestimável!!!

Nome (opcional): *Mateus Araújo e Silva*

Idade: *18 anos*

Escolaridade (opcional): *Ensino médio completo*

Preferências literárias (HQ, romance, filoso...): *HQ / livros históricos*

O que te emocionou positivamente?

Referências usadas tanto de forma escrita quanto no desenho de uma cultura em alguns lugares do Brasil e a forma que a poesia se conecta com o desenho.

Algo te causou desconforto ou sensação negativa? Se sim, poderia comentar?

Não.

A obra lhe causou alguma reflexão? Se sim, poderia comentar?

Sim, na minha opinião também mostra o jeito de alguns pensar de ganhar um trocado em troca da arte.

MUITO OBRIGADO!!!

Para melhor atender aos anseios envolvidos na experiência literária desta obra, precisamos de feedbacks e sua contribuição será inestimável!!!

Nome (opcional): *BEATRIZ FRANCO*

Idade: *29*

Escolaridade (opcional): *GRADUAÇÃO SUPERIOR*

Preferências literárias (HQ, romance, filoso...): *Romance, poesia.*

O que te emocionou positivamente?

O encontro de gerações e o retrato de uma relação entre pai e filho não óbvia; aguda, desapiedada. Onde cabem admiração e competição, humor e afeto. Uma complexidade que nos aproxima mais do que é ser humano.

Algo te causou desconforto ou sensação negativa? Se sim, poderia comentar?

Sim. No parte em que um homem faz o cruz do mundo, talvez o desconforto seja uma mistura de tensão pontuada pelo texto e imagens com a minha dúvida sobre o significado do título me pareceu um desafio ou desrespeito à história do sacrifício de Jesus Cristo.

A obra lhe causou alguma reflexão? Se sim, poderia comentar?

Alguns = A primeira foi sobre a complexidade das relações, citava acima. Pudei, com o livro que a festa, com a união de amor e "atuação", uma poesia elaborada, pode ser muito mais que um evento religioso. Lamentei não conhecê-lo até então. Instigou minha curiosidade.

MUITO OBRIGADO!!!

PÚBLICO ALVO

A pesquisa qualitativa foi fundamental não somente para ratificar a efetividade da narrativa texto/imagem, mas também para compreender a complexidade da narrativa construída pelo autor do poema.

A história apresenta diferentes tempos narrativos e mudanças súbitas de locutores. A forma como o autor arquitetou o enredo traz resquícios de oralidade e torna o texto complexo, pois está carregado pela forma como um palhaço de folia habituou-se a rimar e improvisar, tornando-se ainda mais difícil para o leitor desacostumado.

Deste modo ficou evidente que o livro não se adequa a um leitor que esteja sendo iniciado na alfabetização, por outro lado, um jovem a partir de 12 anos e com um nível de leitura sedimentado, já possui a maturidade literária necessária para uma interpretação mais completa da obra.

O uso de jargões próprios da Folia de Reis e o humor ácido também corroboram para a visão de que o livro pode não se adequar a um leitor muito jovem. Enquadrá-lo em um direcionamento infantojuvenil foi a escolha mais pertinente, pois mesmo com uma linguagem gráfica que intenciona atrair um público jovem, a obra possui um conteúdo lírico rico e uma temática desconhecida da maioria da população, tornando-o atrativo para os leitores com idade mais avançada também.



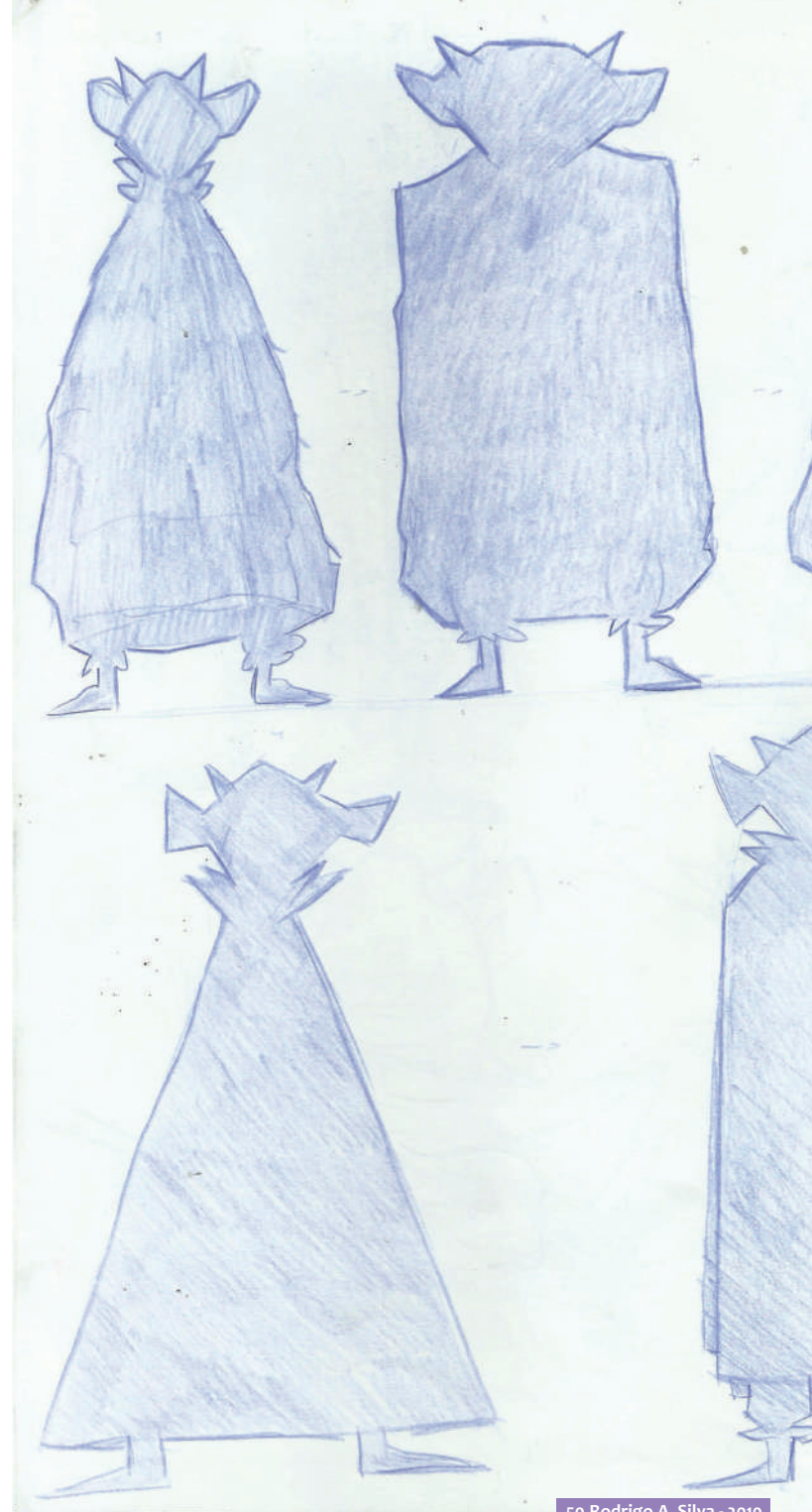
DESENVOLVIMENTO DE PERSONAGENS

Para entender o processo de desenvolvimento do design dos personagens, é preciso destacar que inicialmente nenhuma linguagem gráfica ou referência foi determinante, pois o processo de definição do público alvo ocorreu em paralelo. Por isso somente depois de entender o direcionamento do trabalho, algumas referências além das fotográficas foram adotadas.

A pesquisa de campo foi essencial em um primeiro momento, presenciar a festa tornou possível o desenvolvimento de sketches e testes iniciais embasados pelas fotos e gravações do evento. O obstáculo inicial foi entender a indumentária do palhaço, e a forma como se portava em movimento.

É um fato importante ressaltar que os três personagens são baseados em pessoas reais, os três são palhaços de folia, trata-se de uma história entre um pai, um filho e um neto. Portanto os primeiros sketches foram referenciados principalmente por fotos desses indivíduos, e posteriormente foram adicionados detalhes a mais, conferindo maior ludicidade e individualidade a eles.

Para chegar a este resultado foi preciso entender a função narrativa de cada um dos três dentro do enredo construído pelo Mestre “Bokinha”. Posteriormente, o método comparativo, foi o escolhido a fim de auxiliar na construção dos designs. Assim, para cada um dos três personagens de “A Jornada”, foram selecionados outros três personagens populares, que cumprissem funções narrativas semelhantes aos personagens do poema e portanto serviriam de referência visual.



COQUINHO



Narrador personagem

BOKINHA



Protagonista

PARAFUSO



Antagonista / Anciã



PARAFUSO

Inicialmente se apresenta como um antagonista, aparentemente interessado somente em promover escárnio sobre o pequeno Bokinha, mas que depois se revela como um sábio tutor para o protagonista.

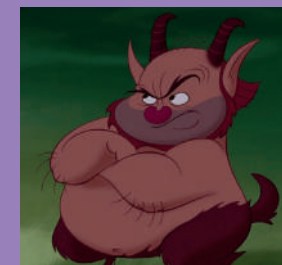
REFERÊNCIAS



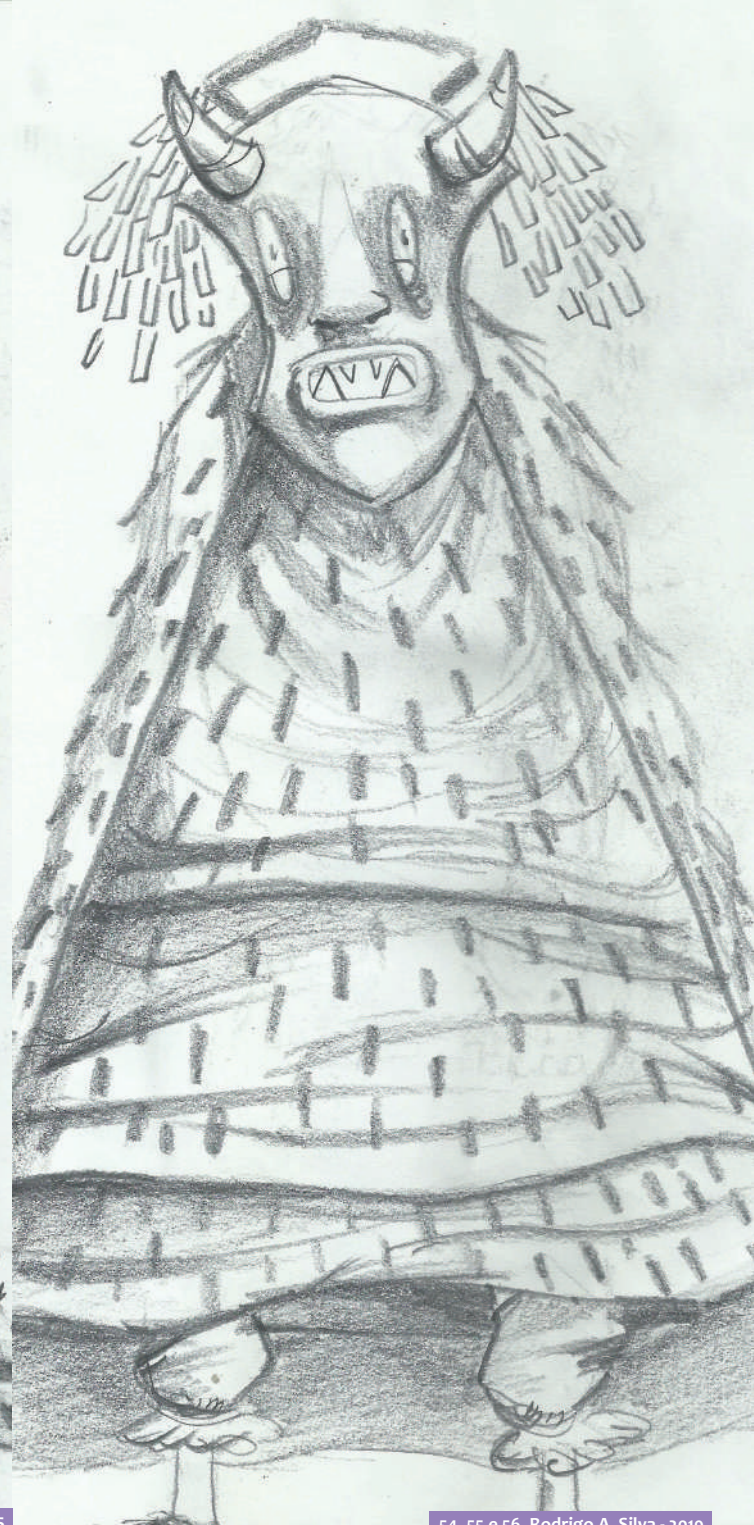
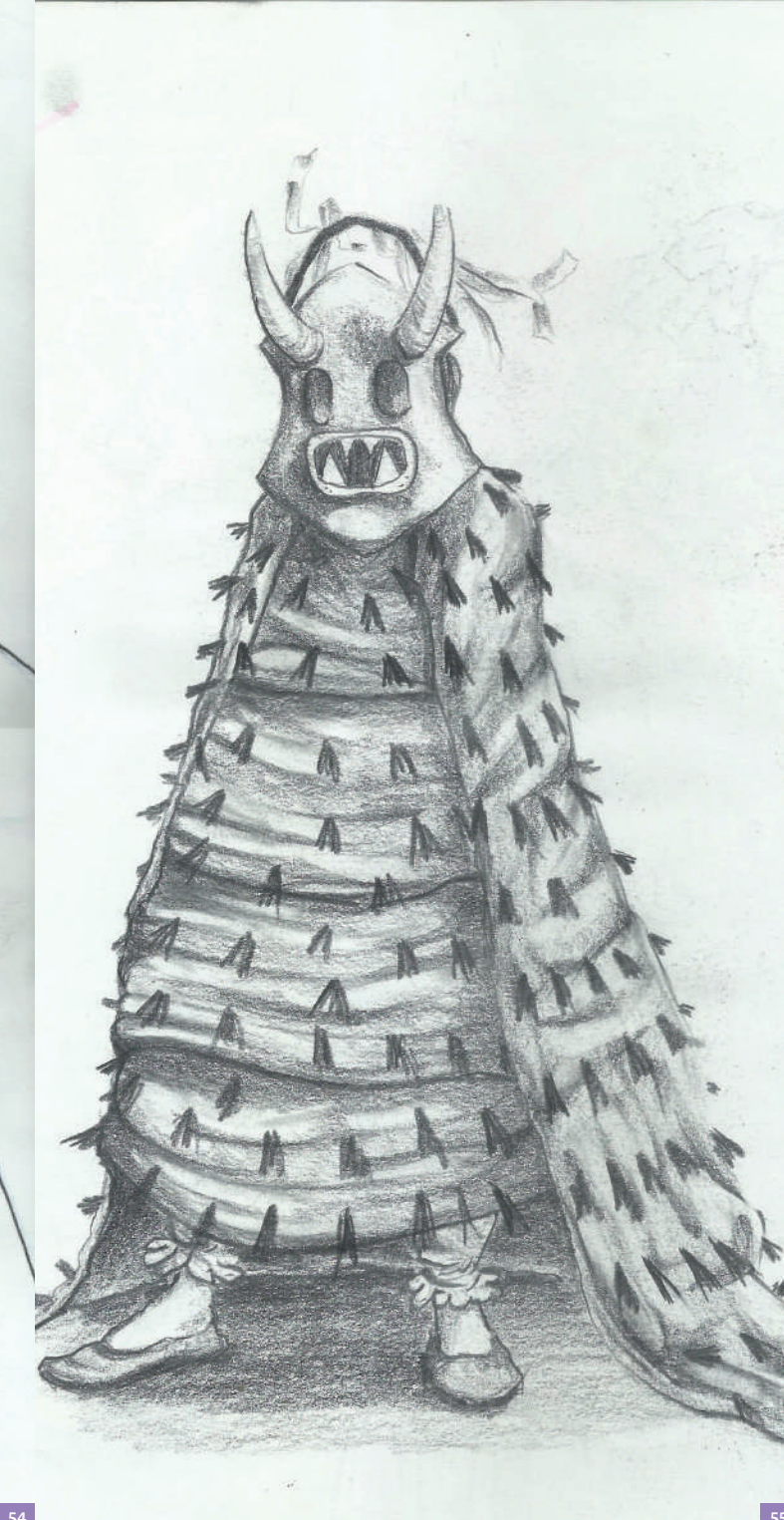
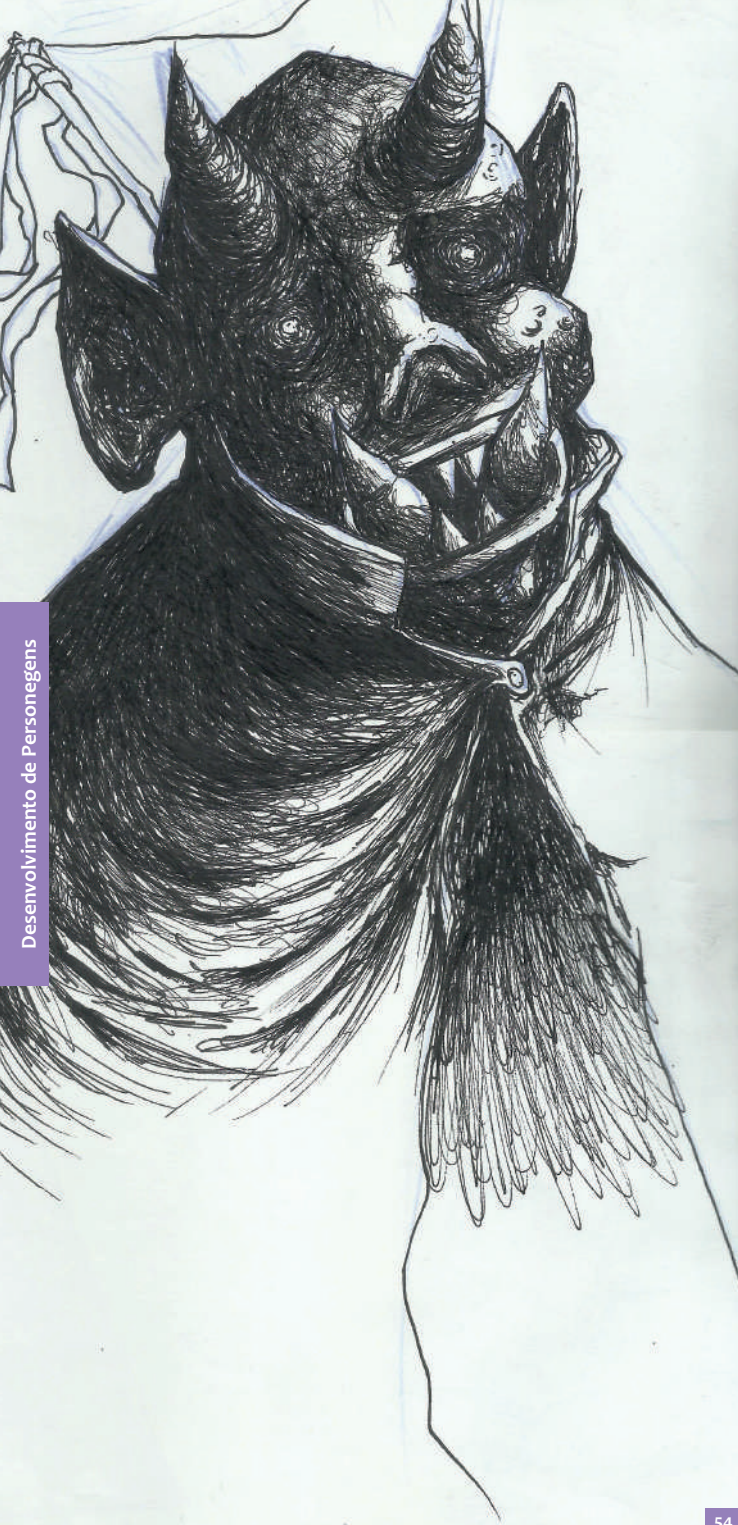
Severus Snape



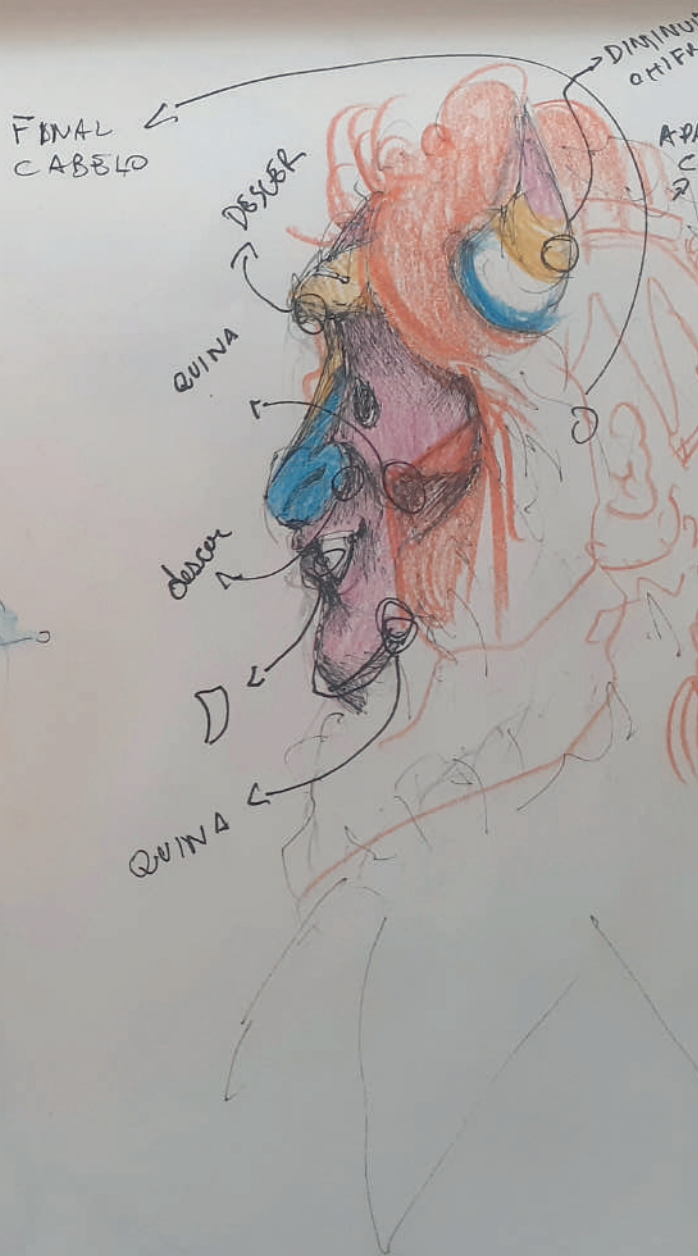
Albus Dumbledore



Phil







COQUINHO

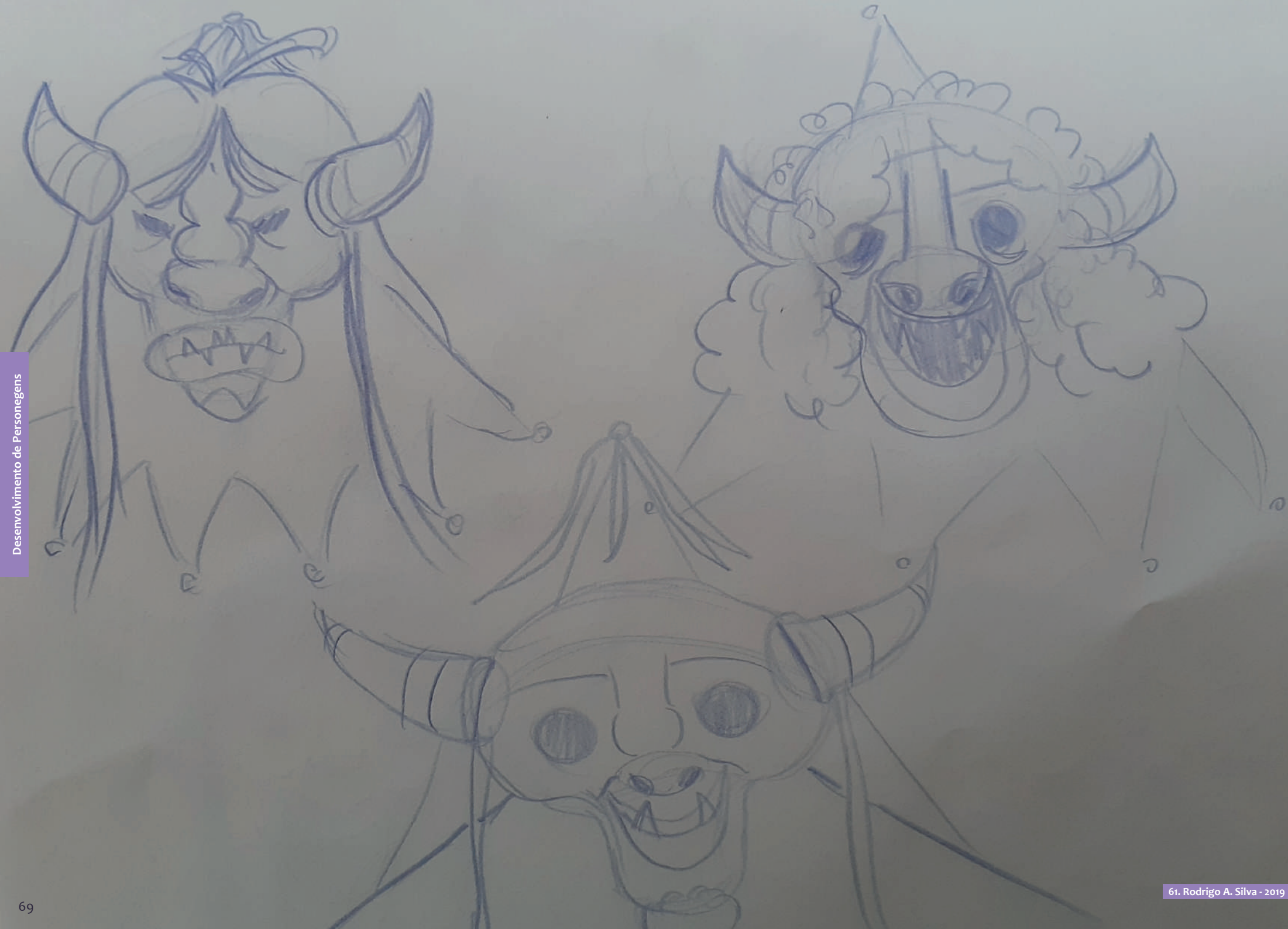
Narrador personagem, o saudosista filho de Bokinha, que compartilha a história de seu pai e seu avô com o leitor.

REFERÊNCIAS



Zordon













BOKINHA

Protagonista do enredo, é apresentado como uma criança impetuosa, traquinas e ingênua. Tenta se provar diante de seu pai, um poeta mais velho e experiente.

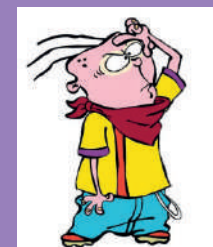
REFERÊNCIAS



Flecha Pêra



Número 1



Edu





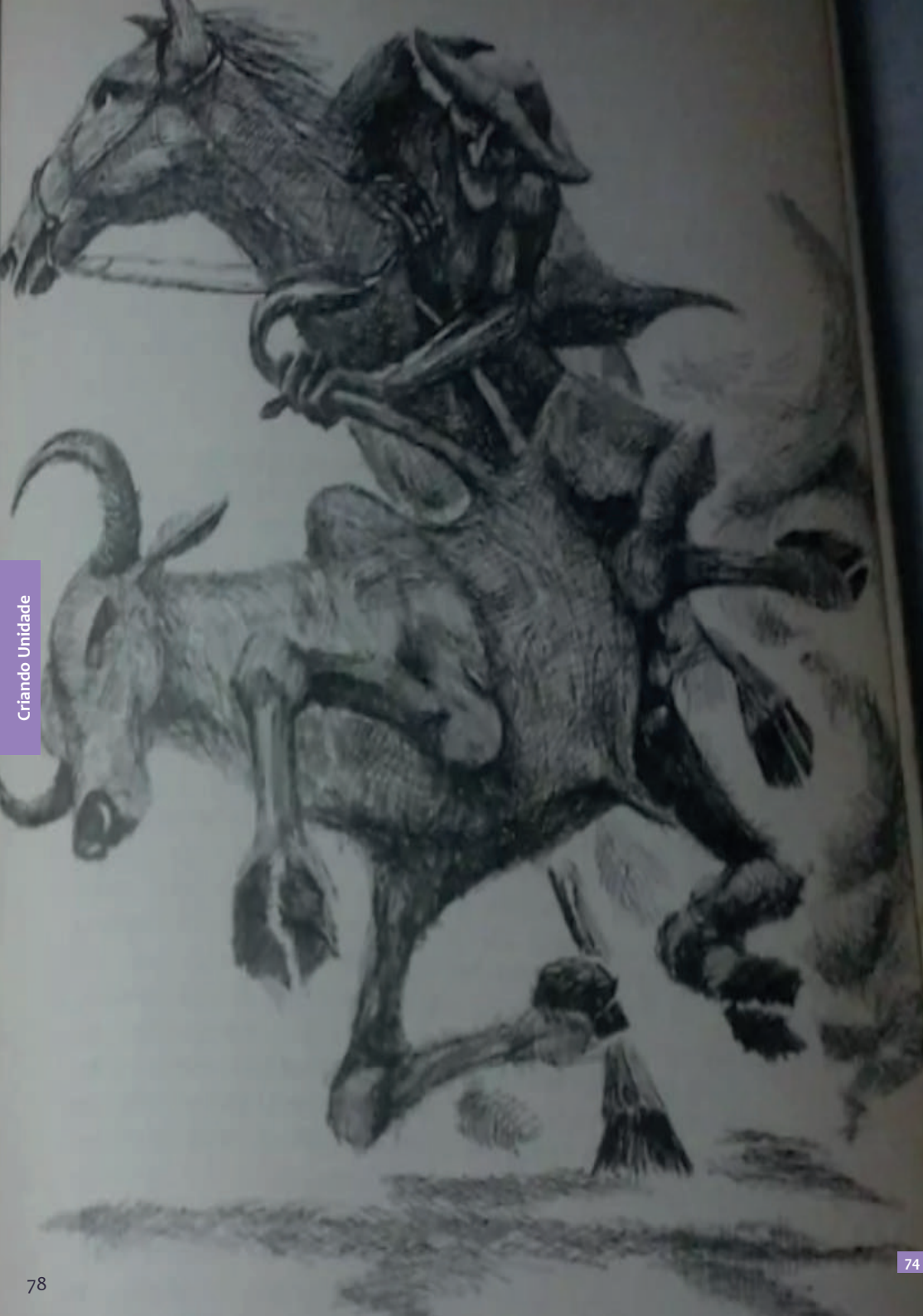


CRIANDO UNIDADE GRÁFICA

Além da busca por individualizar cada personagem, era preciso também gerar unidade entre eles, para que pertencessem ao mesmo universo. Para isso foram adotadas algumas decisões estéticas baseadas em referências que dialogassem com a temática, e contribuíssem com a geração de uma imagem lúdica, porém não estereotipada dos palhaços, foliões e devotos.

Os trabalhos de Aldemir Martins e Alfredo Aquino foram importantes para traçar um paralelo com a ilustração não canônica e acadêmica. A semelhança de seus traços fortes, com a gravura foi uma característica replicada na estética do livro, para dar peso e dramaticidade aos cenários que retratam o cotidiano dos locais onde o festejo geralmente ocorre.







As cores aplicadas em pontos específicos, como a bandeira e a farda do palhaço, são o contraponto ao preto e branco do nanquim. Essa oposição, demarca o cotidiano representado pelo preto e branco e a fuga desse cotidiano em direção ao sagrado, ou metafísico, representado pelo colorido do lápis de cor.

Ainda para conferir mais identificação entre os personagens e as pessoas que realmente estão presentes no Reisado, ou seja que transitam nos territórios onde a festa geralmente ocorre (cidades de interior e regiões periféricas de grandes centros urbanos), foi necessário dar traços fortes e marcantes a esses personagens, porém como se apresentam completamente cobertos pela fantasia, a solução foi aplicada e exacerbada nas mãos dos personagens. Os trabalhos de Rui de Oliveira e Portinari serviram de referência para isso.



77. Portinari - Menino com Pião, 1947



A história é marcada por dois diferentes tempos narrativos, o tempo da ação entre o protagonista Bokinha e o seu pai Parafuso, e o tempo em que se encontra o narrador Coquinho. Para diferenciar estes dois tempos foram adotados diferentes finalizações para ambos.

No tempo da narrativa, a mescla entre nanquim e lápis de cor é aplicada, já no tempo do narrador o nanquim se mistura com um mar de letras e texturas, dando um ar etéreo ao personagem, como se o mesmo estivesse no mundo das palavras e fosse parte do próprio livro que se comunica com o leitor.

Para demarcar a ruptura temporal, o papel rasgado é a fronteira entre os dois momentos e um efeito que reforça a ação do personagem narrador, que se comunica diretamente com o leitor. Este momento assemelha-se ao recurso teatral denominado de quebra da quarta parede, onde o personagem assume a existência de um espectador sobre a trama. A quarta parede seria a divisória entre a ficção e o espectador que é ignorada no momento em que os dois universos, da ficção e o real, se comunicam.

Tempo da narrativa

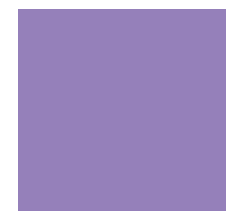


Tempo do narrador

Desde o início uma das principais preocupações em relação ao trabalho foi gerar pontos de contato tanto com o leitor leigo, quanto com os agentes participantes da festa e que fizeram parte do processo de pesquisa do trabalho. Para tal era preciso que o projeto gráfico fosse atraente e também trouxesse características familiares aos sujeitos protagonistas do enredo.

O estudo de personagens e a inserção de características dos sujeitos reais nos personagens principais garante parte desse processo de identificação com a obra, mas não abrange os outros componentes da banda e fiéis. Portanto fez-se necessário mais um artifício para que o projeto pudesse fazer jus aos representantes e a paleta de cores cumpre este papel.

A escolha pelas cores roxa e preta são uma alusão direta às cores da folia estudada durante a pesquisa de campo e da qual o autor do livro é fundador. Essa relação entre a paleta do livro e a as cores da folia é evidenciada na dedicatória do livro, deixando claro ao leitor o porquê dessa escolha projetual.



C: 45
M: 50
Y: 0
K: 0



C: 80
M: 75
Y: 45
K: 50



C: 0
M: 0
Y: 0
K: 0

TIPOGRAFIA

Asseguradas as escolhas estéticas e a identidade gráfica das ilustrações, fez-se necessário definir uma tipografia que conversasse com a ilustração e tivesse identificação temática com a história.

Tratando-se de Folia de Reis, o caminho da vernacularidade, em detrimento da utilização de uma família tipográfica canônica, foi uma solução fiel a autenticidade do festejo, onde a produção manual e o improviso garantem a execução de seus mais variados aspectos.

Os instrumentos são reparados pelos próprios componentes da banda, as indumentárias são fabricação caseira, a decoração das bandeiras é algo muito particular de cada mestre ou bandeireiro, entre outras coisas. Portanto, levando em consideração a dinâmica como é concebida a festa e o fato de o texto do livro ser o verso de um palhaço, que geralmente é recitado no ritmo marcado da chula, a escolha pela fonte vernacular Filezin foi feita, devido a seus traços fortes e referência gótica.

Para momentos onde o volume de texto era muito grande, como no glossário e na biografia do autor, foi aplicado a Tipografia Candara, que por ser humanista, apresenta uma variação de traço que tem unidade com a Filezin, mas é sóbria o bastante para permitir uma leitura suave e agradável.

Principal

FILEZIN

*The quick brown fox jumps
over the lazy dog*

Apoio

CANDARA

“The quick brown fox jumps
over the lazy dog”

ASSINATURA

O nome sintetiza a história do livro, que por sua vez mostra a jornada de um menino em busca de auto-conhecimento através da fé e a afirmação como um palhaço diante de seu pai.

Soma-se a isso o fato de que o conceito de jornada é muito importante dentro do reisado, pois a própria festa é um reavivamento da jornada dos três reis magos. A ideia de ciclo, de um trajeto físico e temporal, percorre vários aspectos do reisado, um exemplo é o próprio palhaço.

O palhaço é um indivíduo que escolhe servir sua folia vestindo a farda, geralmente em decorrência de uma promessa ou graça alcançada pelos santos reis. A partir do momento em que se inicia como palhaço, o indivíduo deve cumprir um ciclo de sete anos servindo sua folia e aos reis durante o festejo. Caso contrário, estará sujeito a reveses do destino, como doenças, perdas de familiares, objetivos não alcançados e etc, fatos que são associados pelos fiéis a não conclusão das obrigações relacionadas a folia.

Acompanhando a ideia de jornada, outro conceito muito forte dentro do festejo é o de tríade. A tríade dos três reis magos é espelhada pelos foliões na composição da folia, que se baseia na banda, bandeira e palhaço. Juntos esses três elementos são responsáveis pelas ações do festejo.

A associação destas duas ideias está refletida na assinatura do livro, que traz em seu nome o conceito de jornada e sua composição formal é baseada no triângulo, que remete à tríade da folia de reis.

A
Jor-
nada

A Jornada

+



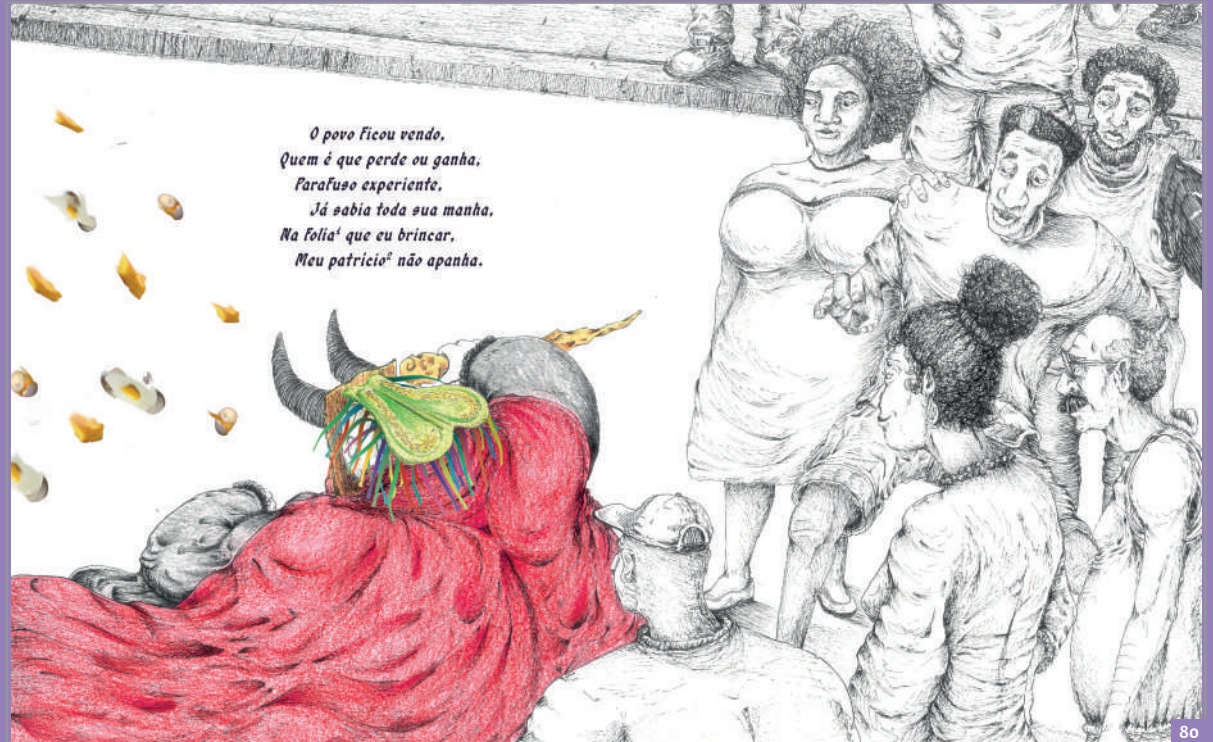
DIAGRAMAÇÃO

A respeito da diagramação, o livro apresenta uma mescla entre os dois tipos apontados por Linden como os mais comuns entre livros ilustrados: a associação e a dissociação.

A associação se caracteriza principalmente pela presença simultânea de conteúdo textual e ilustrativo, dentro de uma mesma página ou uma página dupla. Esta forma de dispor o conteúdo é o mais comum em “A Jornada”.

Outro importante aspecto a se destacar com relação à diagramação foi a opção por variar, dentro de uma mesma estrofe o corpo de texto e o alinhamento dos versos. Este recurso foi implementado para dar inflexão ao texto.

A inflexão foi um importante artifício que somada ao emprego de transições momento a momento (Cap. 5), nas ações dos palhaços, permitiram uma representação mais fiel da figura do patrício e sua imagem cinestésica.



A dissociação foi utilizada nos momentos pré-textual e pós-textual, onde a divisão da página dupla, foi empregada como um elemento que demarca separação entre texto e imagem no espaço formal. Este caminho foi adotado para gerar uma clara separação entre o momento da história e as informações complementares contidas no livro.



“Bokinha”

“Wellington Silva do Carmo (...), nasceu em 8 de novembro de 1987 em Duque de Caxias e é conhecido no complexo das Falias de Reis como Bokinha. Colocou sua farda pela primeira vez aos sete anos de idade, na Flor do Oriente, onde seu pai Parafuzo brincava. Seu nome de farda surgiu ainda quando era bebê e quem escolheu foi Nildo, Palhaço e colega do seu pai.

Obteve escola parecida com a de Parafuzo, tendo no Mestre Tão sua principal referência na apropriação dos significados e das afetividades vinculadas aos Santos Reis do Oriente. Bokinha destaca o fato de além de ter brincado com seu pai, ter conhecido Nildo, Talde e outros Palhaços antigos(...).

Foi Mestre entre os anos de 2000 e 2004, e a partir deste último ano a história de Bokinha toma proporções diferenciadas, quando ele se oportuniza a brincar pelo período de um ano na Folia de Niterói do Mestre Fumaça.

Retornando a Flor do Oriente, a capacidade de Wellington para o improviso fez com que ele se tornasse referência entre os Palhaços da sua geração, uma potencialidade tão bem explorada que o permitiu fazer parte do documentário produzido pelo departamento de História da UFF, onde o filme mostra na abertura versos produzidos pelo artista.

Devido a essa condição do improviso e do seu poder de criação, Bokinha afirma ter atingido a categoria de “poeta”, pois ao criar versos os disponibiliza a vários companheiros. Essas práticas na vida de Bokinha são condições necessárias para que ele assuma um lugar de destaque no cenário em que pericena, onde consegue desvincular seu nome do de seu pai, momento em que traça seu próprio caminho(...).

Os depoimentos acima elucidam que apesar da pouca idade, a experiência vivida por Bokinha é de longa data. Após falecimento de Mestre Tão todos os envolvidos diretamente sofreram com esse período de transição, até que em 2008/2009 Bokinha transfere seus conhecimentos de Mestre Palhaço, para Mestre Reisiro e monta sua própria Folia no Bairro de Jardim Primavera em Duque de Caxias, creditando sua prática aos ensinamentos disponibilizados por Mestre Tão(...).

Sua pouca experiência como Mestre de Folia é sempre julgada pelos mais antigos. Mas Bokinha sempre muito confiante nos ensinamentos que adquiriu, dedica boa parte do seu tempo em busca de verbas financeiras para perpetuar os acontecimentos ritualísticos em Jardim Primavera.”

Renato Barreto
Os Palhaços da Folia Reis Flor do Oriente: um estudo sobre a viagem e a construção de identidade cultural.

O PRODUTO

Nas páginas seguintes serão apresentados os layouts do miolo e capa do livro.

Formato

Fechado - 20 x 25

Aberto - 60,5 x 25

Páginas - 36

Papéis

Miolo - couché mate 170g

Capa - couché mate 250g / laminação fosca

Cores

Miolo - 4/4

Capa - 4/4

Tipo de impressão

Boneca - digital

Final - offset

Acabamento

Lombada - grampo canoa



CAPA E ORELHAS

1 FOLIA DE REIS

É uma manifestação religiosa/folclórica, apresentada através de cortejos em um período ritualístico entre 24 de dezembro e 6 de janeiro, período natalino para os católicos. As Jornadas revivem a peregrinação dos três Reis Magos, que partiram em direção ao recém nascido menino Jesus na manjedoura, guiados pela estrela de Belém. Durante o período de peregrinação, os Foliões que são os componentes do cortejo, iniciam uma extensa lista de visitas às casas dos devotos, distribuindo bênçãos em troca de donativos.

2 PATRÍCIO

Indivíduos que eram pertencentes à classe aristocrata de Roma, também se aplica aquele que possui elegância ou distinção. Alguns palhaços de Folia se identificam com o termo.

3 PALHAÇO

O palhaço de Folia de Reis, é um elemento mascarado que acompanha o cortejo, recitando versos e interagindo com a plateia em troca de donativos.

4 CRUZEIRO

Atribui-se aquilo que possui forma de cruz. Na folia fazer um "cruzeiro de pratas" significa colocar dinheiro em forma de cruz no chão.

5 AMARRADO

Expressão que na cultura popular traduz algo que aparentemente é ofertado de bom grado, mas que poderá trazer consequências negativas ao bonificado.



*"A história de dois trovadores,
Que na rima não boboia"*



Wellington "Bokinha"

Ilustrações
Rodrigo Silva



*Eu posso falar uma rima,
Tão bonita e saborosa,
Eu vou falando meus versos,
Dessa moda carinhosa.*

*Zombar de ninguém eu quero,
Se eu quiser eu não preciso,
Eu me sinto muito bem,
Falando no improviso,
Porque no mundo dos versos,
Me sinto na paraíso.*

*No jardim da poesia,
No mundo da trovação,
A rai são as palavras,
Que por todo lado estão.*

*A minha mente é o caule,
Que dá força e proteção,
E os versos são o fruto,
Da minha imaginação.*

*De versos bons e bonitos,
A minha mente está cheia,
Porque é sangue de poeta,
Que corre na minha vela.*

Wellington "Bokinha"
Documentário "Jornada, Cidreira e Folia"

82

10 cm

20 cm

25 cm

2ª E 3ª CAPAS



10 cm

20 cm

25 cm

83

MIOLO



MIOLO



Dedico este livro a toda família roxa e preta de Jardim Primavera, que me recebeu em sua casa de braços abertos e sempre esteve disposta a compartilhar conhecimento e afeto.

RODRIGO SILVA

MIOLO



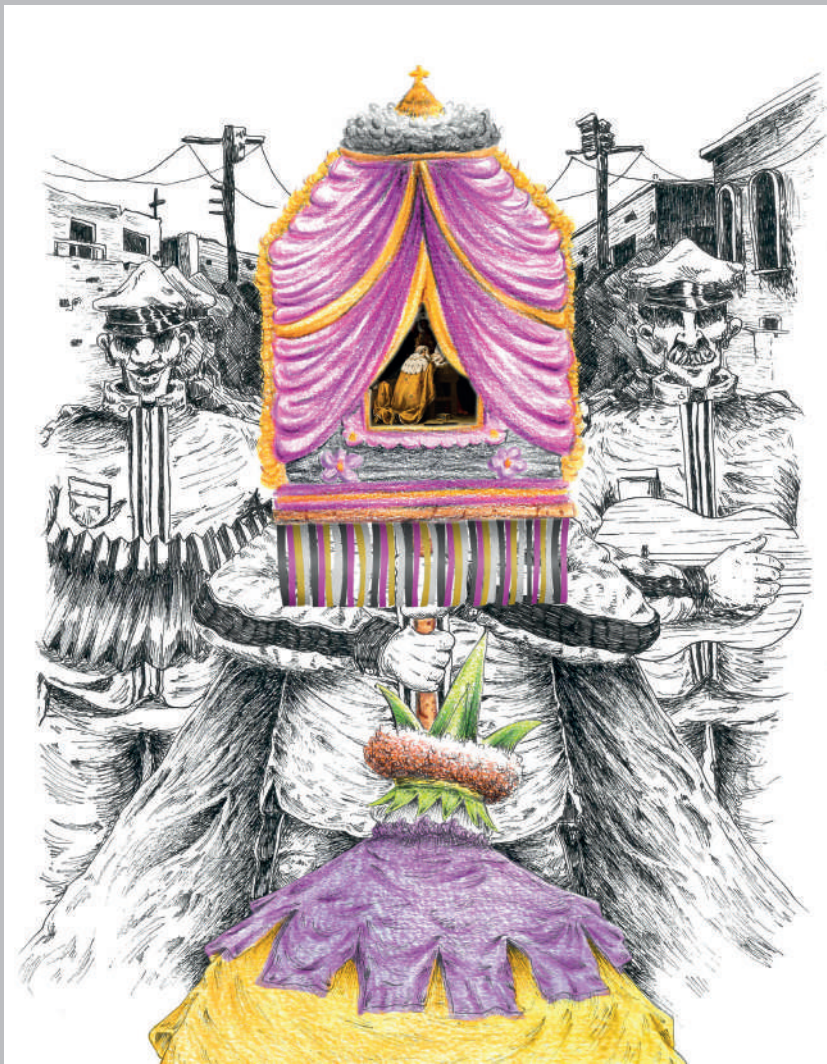
86

MIOLO



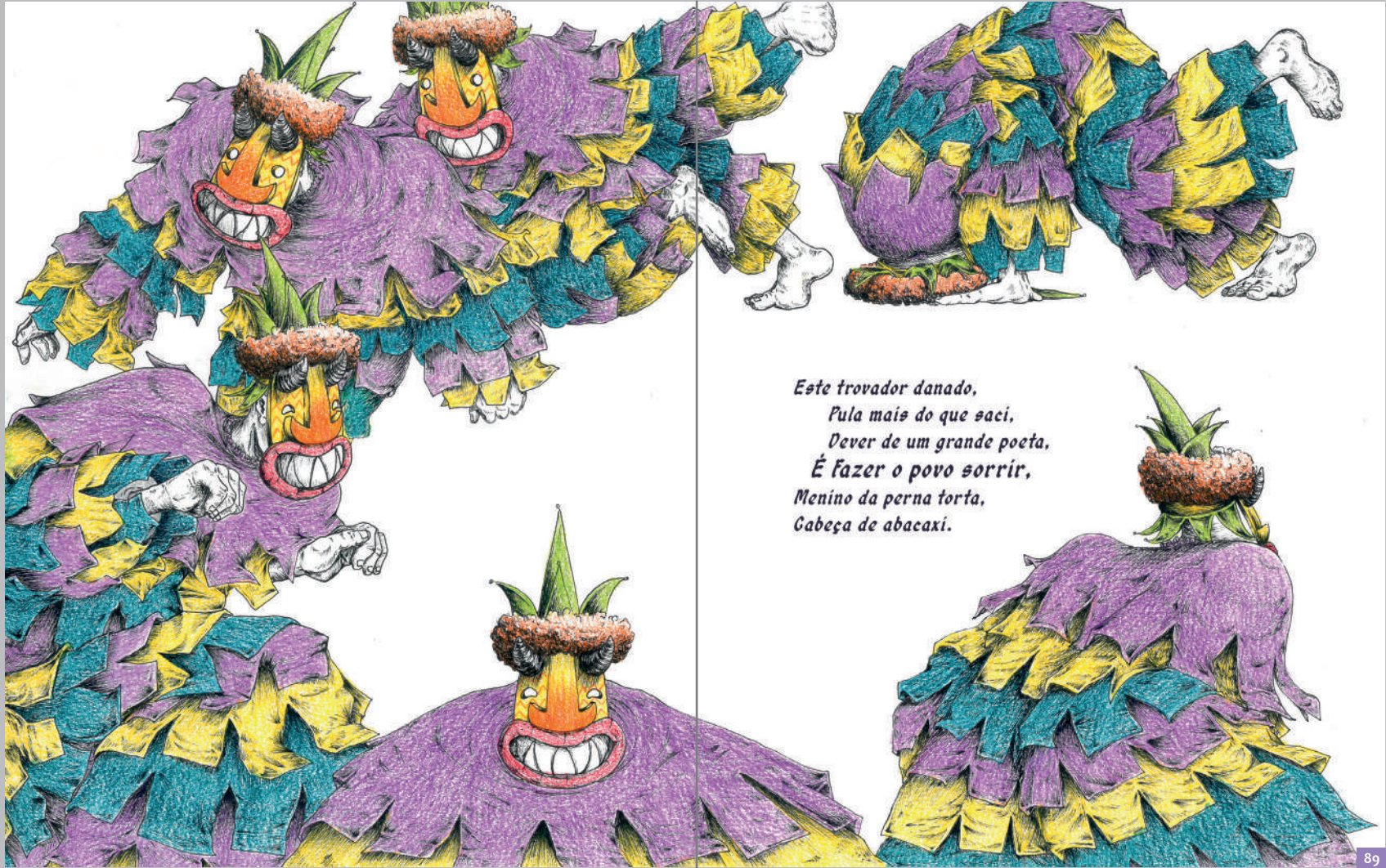
*Leitores que apreciam
Toda poesia minha
Vamos juntos nessa agora
Viajar em uma historinha
Vamos todos conhecer
O amigo poeta Bokinha.*

MIOLO



*Ainda com pouca idade,
Neste círculo começou,
Herança a ele deixada,
Por seu tio, seu pai e seu avô,
E assim foi o Bokinha se destacando,
Nos lugares por onde passou.*

MIOLO



89

MIOLO



*Foi com seu pai Parafuso,
Que o poetinha aprendeu,
Se encontraram no Natal,
Nenhum dos dois lá correu,
O circo ficou pequeno,
Nesse dia o couro comeu.*

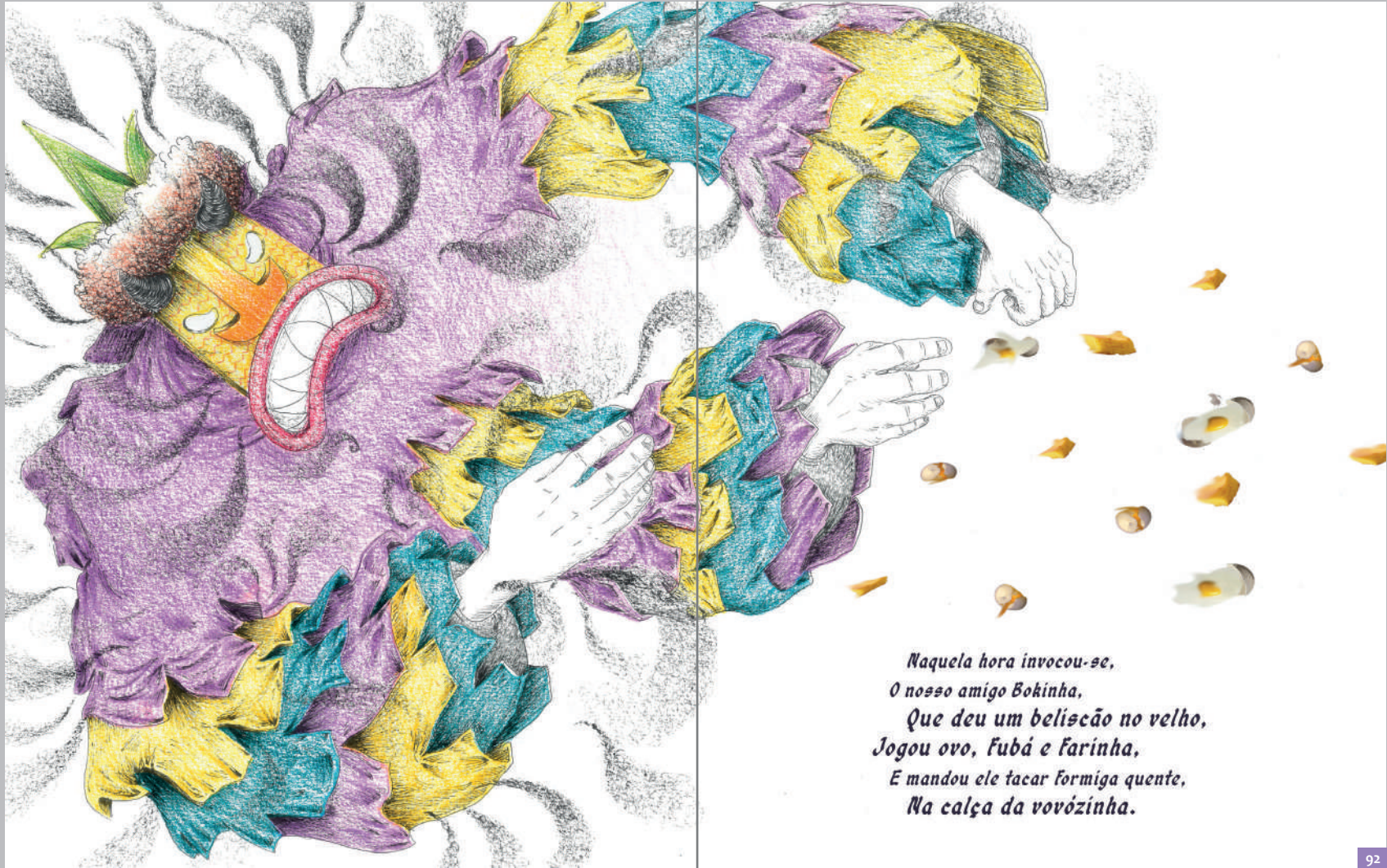
MIOLO



*E o poeta mais velho,
Bateu com folha de ortiga,
Sentou-se o dumbledum do mais novo.*

*Em cima da casa das formigas,
Ele gritava e se mijava,
De dar câimbra na barriga.*

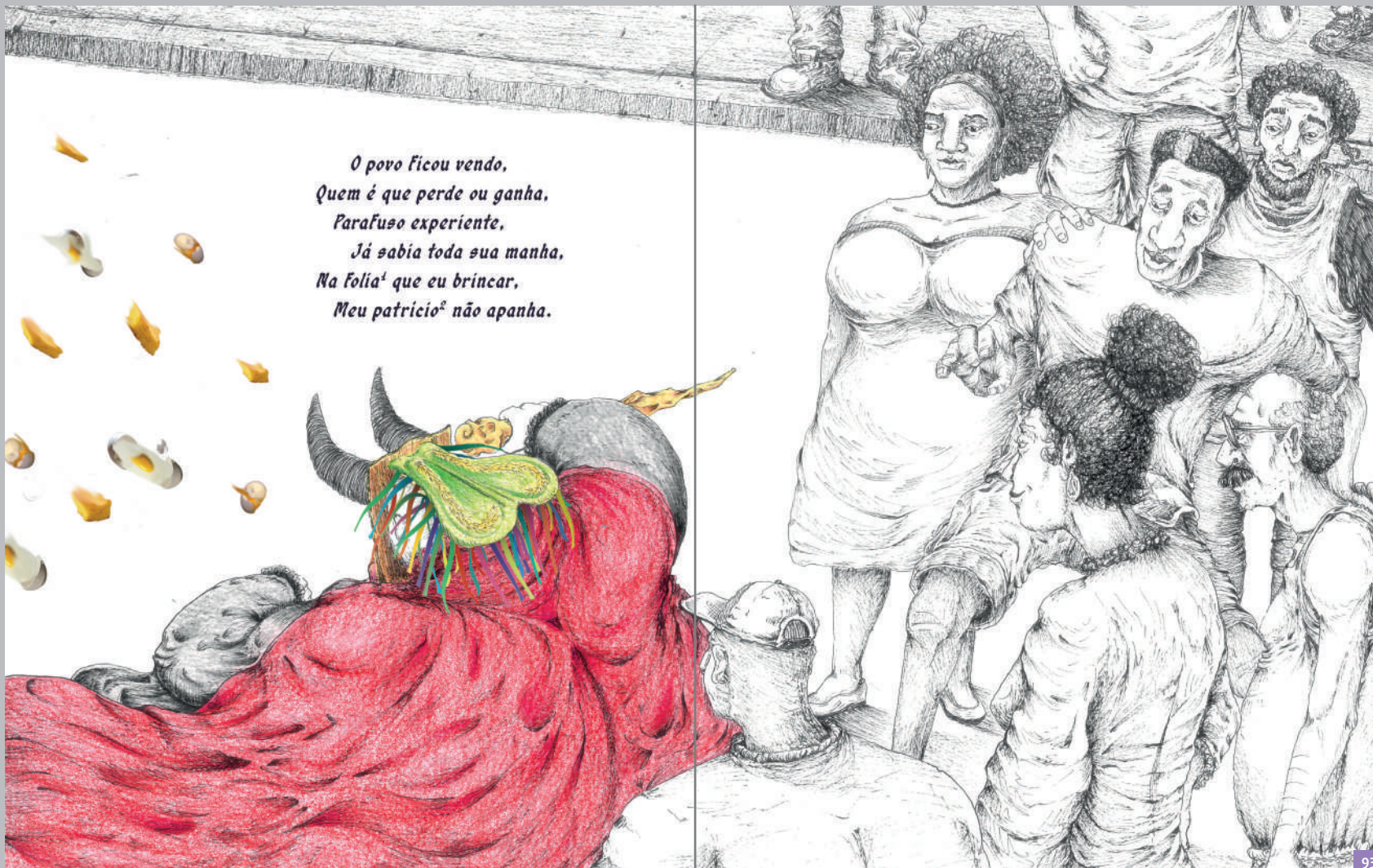
MIOLO



*Naquela hora invocou-se,
O nosso amigo Bokinha,
Que deu um beliscão no velho,
Jogou ovo, fubá e farinha,
E mandou ele tacar formiga quente,
Na calça da vovózinha.*

MIOLO

*O povo ficou vendo,
Quem é que perde ou ganha,
Parafuso experiente,
Já sabia toda sua manha,
Na folia¹ que eu brincar,
Meu patricio² não apanha.*



MIOLO

*Antes de me maltratar,
Eu vou lhe ensinar primeiro,
Como se faz um palhaço³,
A desmanchar um cruceiro⁴,
Seja ele feito em moedas,
Ou cruzado por dinheiro.*



MIOLO



*Foi naquele exato momento,
Um sujeito mal encarado,
Fez um cruzeiro de pratas,
E perguntou o significado,
Mas foi em uma cruz de madeira,
Que Jesus foi cravejado.*



MIOLO



*Morreu o Filho de Deus,
Para salvar nossos pecados,
Judas recebeu trinta moedas,*



*Não foi dinheiro amarrado⁵,
Quem bota dinheiro em roda,
Não sabe o significado.*

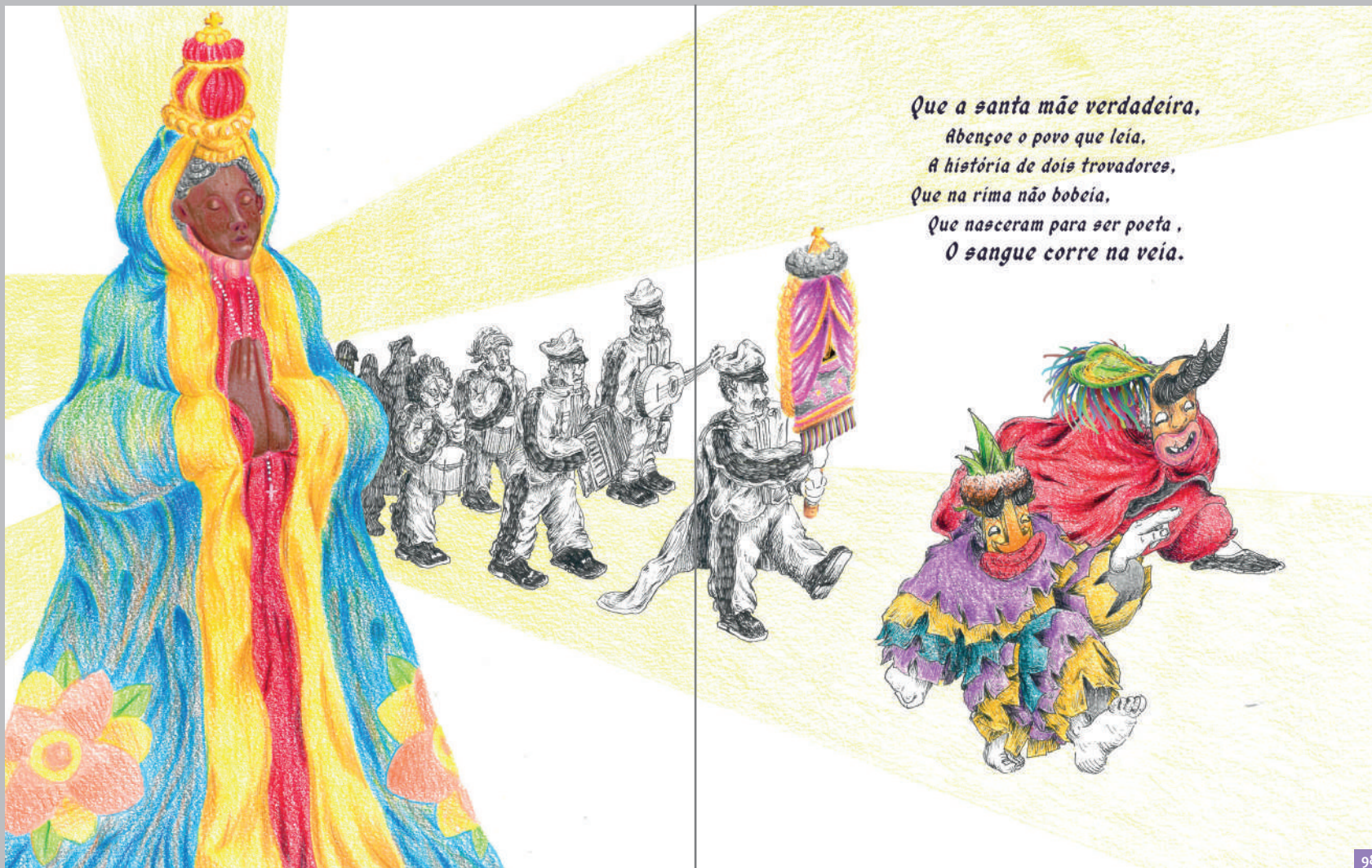
MIOLO

*Os dois poetas arretados,
Animavam a brincadeira,
Saudaram o povo presente,
Aquele plateia maneira,
Amantes e participantes,
Da cultura brasileira.*



97

MIOLO



MIOLO

*O bom poeta semeia,
Eu trago sempre comigo,
Os versos que aqui citei,
São para vocês meus amigos,
Até outra ocasião,
Obrigado amigo Rodrigo.*



99

MIOLO



MIOLO



“Bokinha”

“Wellington Silva do Carmo (...), nasceu em 8 de novembro de 1987 em Duque de Caxias e é conhecido no complexo das Foliás de Reis como Bokinha. Colocou sua farda pela primeira vez aos seis anos de idade, na Flor do Oriente, onde seu pai Parafuso brincava. Seu nome de farda surgiu ainda quando era bebê e quem escolheu foi Nildo, Palhaço e colega do seu pai.

Obteve escola parecida com a de Parafuso, tendo no Mestre Tião sua principal referência na apropriação dos significados e das afetividades vinculadas aos Santos Reis do Oriente. Bokinha destaca o fato de além de ter brincado com seu pai, ter conhecido Nildo, Taíde e outros Palhaços antigos(...).

Foi Mestre entre os anos de 2000 e 2004, e a partir deste último ano a história de Bokinha toma proporções diferenciadas, quando ele se oportuniza a brincar pelo período de um ano na Folia de Niterói do Mestre Fumaça.

Retornando a Flor do Oriente, a capacidade de Wellington para o improviso fez com que ele se tornasse referência entre os Palhaços da sua geração, uma potencialidade tão bem explorada que o permitiu fazer parte do documentário produzido pelo departamento de História da UFF, onde o filme mostra na abertura versos produzidos pelo artista.

Devido a essa condição do improviso e do seu poder de criação, Bokinha afirma ter atingido a categoria de “poeta”, pois ao criar versos os disponibiliza a vários companheiros. Essas práticas na vida de Bokinha são condições necessárias para que ele assuma um lugar de destaque no cenário em que pertence, onde consegue desvincular seu nome do de seu pai, momento em que traça seu próprio caminho(...).

Os depoimentos acima elucidam que apesar da pouca idade, a experiência vivida por Bokinha é de longa data. Após falecimento de Mestre Tião todos os envolvidos diretamente sofreram com esse período de transição, até que em 2008/2009 Bokinha transfere seus conhecimentos de Mestre Palhaço, para Mestre reiseiro e monta sua própria Folia no Bairro de Jardim Primavera em Duque de Caxias, creditando sua prática aos ensinamentos disponibilizados por Mestre Tião(...).

Sua pouca experiência como Mestre de Folia é sempre julgada pelos mais antigos. Mas Bokinha sempre muito confiante nos ensinamentos que adquiriu, dedica boa parte do seu tempo em busca de verbas financeiras para perpetuar os acontecimentos ritualísticos em Jardim Primavera.”

Renato Barreto

Os Palhaços da Folia Reis Flor do Oriente: um estudo sobre a imagem e a construção de identidade cultural.

MIOLO

ILUSTRAÇÃO
Rodrigo Augusto e Silva

PROJETO GRÁFICO
Rodrigo Augusto e Silva

ORIENTAÇÃO
Nair de Paula Soares

CO-ORIENTAÇÃO
Karl Georges Meireles Gallao

AGRADECIMENTOS

Mariah Santos

Carlos Machado

Paulo José (Parafuso)

Floripa da Silva

Luciane Barbosa

Renato Barreto da Silva

Arlanza Pinheiro Martins

Sonia Rosa

Rui Rosa

Karl Georges Meireles Gallao

CIP Brasil. catalogação-na-fonte
sindicato nacional dos editores de livros, RJ.

SILVA DO CARMO, Wellington, 1987-

Folia de Reis: Cores e movimentos / Wellington Silva do Carmo - Rio de Janeiro: ***** , 2019
36p.:il - (Manifestações Religiosas de Cultura Popular)

ISBN *****

Folia de Reis - Rio de Janeiro (RJ) - Obras Ilustradas.

CDD *** *****
CDU *** *****

. **.* ** *****

Todos os direitos reservados à:

***** Ltda

Rua do Catete, 3012 - Casa 203 - 222 223 333 Rio de Janeiro RJ

Tel (21) 2134 5711

Este livro foi composto nos tipos Filezín
Regular, Candara Regular , Candara Bold e
papel Couché Matt 170g/m².

CONCLUSÃO

A parte mais rica de todo o processo foi sem dúvida, começar a entender como juntar diferentes métodos de pesquisa, alinhando os resultados às necessidades práticas de um projeto de design. Compreender a importância de munir-se de informação sobre o tema do trabalho, permitir-se a dúvida e negar as certezas sem embasamento e experimentação.

Do ponto de vista do ilustrador, a experiência de campo mostrou-se um artifício extremamente poderoso na resolução de problemas e na interpretação do tema que viria a ser representado. O contato pessoal e a imersão geraram a percepção de nuances que não teriam sido notados apenas em uma pesquisa à distância.

A troca de experiências e o aprendizado com os agentes envolvidos diretamente na Folia de Reis, salientou a necessidade de dar voz a quem de fato constrói a festa. Ter como autor um mestre de Folia trouxe autenticidade, foi a base forte sobre o qual todo o projeto gráfico foi construído.

Por fim, a aplicação de uma metodologia de pesquisa foi fundamental para afastar, ao máximo, qualquer tipo de representação rasa ou estereotipada do tema retratado.



LINKS DE REFERÊNCIAS

<http://animationusa.com/resources/aboutwb.html> (17/03/2019)

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2017-06/exposicao-no-rio-destaca-artesanato-de-festas-brasileiras> (20/03/2019)

<http://www.franciscanos-rs.org.br/sao-francisco-de-assis-e-o-primeiro-presepio/> (10/04/2019)

<https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/3570/1/A%20Matemagia%20do%20Natal.pdf> (10/04/2019)

<https://www.youtube.com/watch?v=WObyp1Nfolk> (20/04/2019)

https://nomundodosmuseus.hypotheses.org/files/2008/02/exposicao_rituais-de-inverno-com-mascaras.pdf (20/04/2019)

<https://comunidade.rockcontent.com/semiotica/> (28/04/2019)

<https://www.gallerytribalart.com/product/yaka-mask/> (14/05/2019)

http://www.rotaterrafria.com/pages/330/?geo_article_id=8104 (28/05/2019)

<http://www.sketchesofiberia.com/2014/01/ancient-winter-mask-rites-in-portugal-parte-ii/> (28/05/2019)

http://galhofa.bcd.pt/galhofa_contexto_grijo.pdf (28/05/2019)

<https://www.flickr.com/photos/rosapomar/14675630826> (28/05/2019)

<https://www.youtube.com/watch?v=QSevOMtoTio> (28/05/2019)

<https://www.spescoladeteatro.org.br/noticia/ponto-a-quarta-parede/#:~:targetText=Falamos%20dela%2C%20a%20%E2%80%9Cquarta%20parede,do%20mundo%20encenado%20sem%20interfer%C3%A4ncia.&targetText=No%20ocidente%2C%20essa%20express%C3%A3o%20tem,do%20in%C3%ADcio%20do%20s%C3%A9culo%20XX.> (16/11/2019)

BIBLIOGRAFIA

- BITTER, Daniel. *A Bandeira e a Máscara: a circulação de objetos rituais nas folias de reis*. Rio de Janeiro, 2008.
- CALDIN, Clarice Fortkamp; FLECK, Felícia de Oliverira; CUNHA, Mirian figueiredo da. *Livro Ilustrado: texto imagem e mediação*. Santa Catarina, 2016.
- CARDOSO, Rafael. *Design para um Mundo Complexo*. São Paulo: Cosac Naify, 2011
- FERREIRA, Marina Martins. *A Diversidade Brasileira no Design e suas Influências*. Belo Horizonte: IPOG, 2017.
- HORCADES, Carlos. *Almanaque Tipográfico Brasileiro*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.
- JUKERVICS, Vera Irene. *Festas Religiosa: a materialidade da fé*. Curitiba:UFPR, 2005.
- LINDEN, Sophie Van Der. *Para Ler o Livro Ilustrado*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- LINS, Guto. *Livro infantil?*. 2 ed. São Paulo: Rosari, 2002.
- MCCLLOUD, Scott. *Desenhando Quadrinhos*. São Paulo: M. Books do Brasil Editora LTDA, 2008.
- MCCLLOUD, Scott. *Desvendando Quadrinhos*. São Paulo: M. Books do Brasil Editora LTDA, 1995.
- MOURA, Guilherme Lopes. *Folia de Reis: na serra fluminense*. Rio de Janeiro, 2014.
- PIOVESAN, Jacson. *O livro Ilustrado como possibilidade Narrativa*. Rio Grande do Sul: UFPEL, 2017.
- PORTO, Guilherme. *As Folias de reis no Sul de Minas*. Rio de Janeiro: FUNARTE/INF, 1982.
- ROCHA, Allan Matias da. *Lucas: projeto de livro com narrativa visual / textual*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018.
- SILVA, Renato Mendonça Barreto. *Os Palhaços da Folia de Reis Flor do Oriente: um estudo sobre a imagem e construção da identidade cultural*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.